

LILIANE PEREIRA BARBOSA

***ESTATUTO DA FORMA CÊ:
CLÍTICO OU PALAVRA?***

Belo Horizonte – MG

Faculdade de Letras da UFMG

2005

LILIANE PEREIRA BARBOSA

***ESTATUTO DA FORMA CÊ:
CLÍTICO OU PALAVRA?***

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Lingüísticos da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Lingüística.

ÁREA DE CONCENTRAÇÃO: Lingüística

LINHA DE PESQUISA: D – Organização Sonora da Comunicação Humana

ORIENTADOR: Prof. Dr. Seung - Hwa Lee

Belo Horizonte – MG

Faculdade de Letras da UFMG

2005

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1 – INTRODUÇÃO	15
CAPÍTULO 2 – REVISITA À LITERATURA	21
2.1 – Pronomes	22
2.2 – Cliticização	28
2.2.1 – Clítico: abordagem sintática	29
2.2.1.1 – Literatura transformacional	30
2.2.1.2 – Kayne	32
2.2.1.3 – Sportiche	34
2.2.2 – Clítico: abordagem fonológica	35
2.2.2.1 – Nespor e Vogel	35
2.2.3 – Clítico: abordagem mista	37
2.2.3.1 – Spencer	37
2.2.3.2 – Klavans	50
2.2.3.3 – Zwicky	52
2.2.3.4 – Galves e Abaurre	53
2.2.4 – Síntese das propostas para clíticos	54
2.3 – Fonologia Prosódica	56
2.3.1 – Constituintes prosódicos	59
2.3.1.1 – Palavra fonológica	60
2.3.1.2 – Grupo clítico	61
2.3.1.3 – Frase fonológica	62
2.3.1.4 – Frase entoacional	63
2.3.2 – Foco na prosódica	64

CAPÍTULO 3 – SOBRE O ESTATUTO DE <i>CÊ</i>	67
3.1 – Proposta da forma <i>cê</i> como clítico.....	67
3.2 – Discutindo a análise de <i>cê</i> como clítico	75
3.2.1 – Distribuição fonológica de <i>você/ocê/cê</i>	76
3.2.2 – Discussão: a forma <i>cê</i> é clítico?.....	79
3.3 – Testando <i>cê</i>	95
3.3.1 – Sob a perspectiva da cliticização	95
3.3.2 – Sob a perspectiva da fonologia prosódica	112
CAPÍTULO 4 – CONSIDERAÇÕES FINAIS	119
BIBLIOGRAFIA	124

LISTA DE TABELAS

TABELA 1 – Análise de intensidade e duração	71
TABELA 2 – Variantes e frequência de ocorrência	77
TABELA 3 – Número de ocorrências total e de cada variante de acordo com ambiente fonológico precedente.....	78

LISTA DE QUADROS

QUADRO 1 – Clíticos pronominais do PB e suas formas plenas	26
QUADRO 2 – Clíticos pronominais do PE e suas formas plenas	47
QUADRO 3 – Síntese das propostas para clíticos	55
QUADRO 4 – Variáveis consideradas na análise	77

LISTA DE NOTAÇÕES

U – Enunciado fonológico

I – Frase entoacional

ϕ – Frase fonológica

C – Grupo clítico

ω – Palavra fonológica

Σ – Pé

σ – Sílabas

s – Nó forte

w – Nó fraco

LISTA DE ABREVIATURAS

ACUS. – Acusativo

AdvP – Sintagma adverbial

AgrP – Sintagma de concordância

AP – Sintagma adjetival

AUX. – Auxiliar

Cl – Clítico

CIP – Sintagma clítico

C. Social – Classe social

cv – Categoria vazia

DAT. – Dativo

def. – Definido

DP – Sintagma determinante

ESP – Espanhol

F – Feminino

Fo – Frequência fundamental

H° - Núcleo

indef. – Indefinido

INF – Flexional

M – Masculino

NP – Sintagma nominativo

Nº/P – Número-pessoa

OD – Objeto direto

OI – Objeto indireto

OP – Oração principal

O.S.A.R – Oração subordinada adjetiva restritiva

O.S.S.S – Oração subordinada substantiva subjetiva

+ P – Privilegiada

- P – Menos privilegiada

PB – Português brasileiro

PE – Português europeu

P. Geo. – Posição geográfica

p.p. – Pessoa do plural

pro – Categoria vazia [-a, +p]

p.s. – Pessoa do singular

Q – Interrogativo

refl. – Reflexivo

RU – Rural

S – Sentença

UB – Urbano

V – Verbo

WH – Complemento interrogativo

XP – Projeção máxima

RESUMO

O fato de *cê* ser considerado um clítico pronominal sintático em investigações anteriores e a constatação da possibilidade desta forma aparecer em posições em que um clítico não aparece fazem-nos questionar sobre o seu verdadeiro caráter.

Fundamentando-se na Teoria da Cliticização e através de seus testes fonológicos, morfológicos e sintáticos propostos para identificar clíticos, constata-se que *cê* se comporta não como clítico, mas como palavra plena. Esta constatação é ratificada, segundo o quadro teórico da Fonologia Prosódica.

Propõe-se, respaldados pela Fonologia Prosódica, que a atonicidade percebida em *cê* está no nível da frase e não na palavra. Justifica-se esta sua ausência de tonicidade através da possibilidade de alternância de proeminência acentual no constituinte prosódico frase entoacional. Por relacionar-se a aspectos semânticos, sintáticos e de desempenho do falante, este constituinte determina nó forte ou fraco a *cê*, ou seja, sua posição forte ou fraca na sentença.

SUMMARY

The fact that the Portuguese pronoun *cê* can be considered a syntactic pronominal clitic in previous investigations and the verification that this form is possible to appear in positions in which the clitic does not appear leads us to question its true character.

Basing on the Clitization Theory and through their phonological, morphological and syntactic tests proposed to identify clitics, it is verified that *cê* behaves not as a clitic but as full word. This verification is ratified according to the theoretic framework of the Prosodic Phonology.

With support on the Prosodic Phonology it is proposed the lack of tonicity perceived in the *cê* pronoun lays in the level of the phrase, not in the word. This lack of tonicity is justified by the possibility of alternation of the accentual prominence in the prosodic constituent intonational phrase. Since this constituent is related to semantic, syntactic and performance of the speaker aspects, it determines the strong and the weak node to *cê*, that is, its strong or weak position in the sentence.

Dedicatória

*Dedico esta conquista a Deus, meus pais e irmãos,
que tanto me incentivaram.*

Agradecimentos

*Ao meu orientador, por acreditar em mim;
à prof.^a Eunice Nicolau; a Cida (Poslin);
e a Socorro pela amizade e préstimo.*

CAPÍTULO 1

INTRODUÇÃO

As diversas publicações sobre a linguagem, seja verbal ou não-verbal, fazem-nos perceber o quanto o meio científico está empenhado em desvendar seus mistérios. Os trabalhos que a abordam observam-na sob os mais variados aspectos.

Especificamente em relação à linguagem verbal, nota-se quão variados são os enfoques dados a um mesmo fenômeno lingüístico numa tentativa de ampliar sua descrição.

Algo semelhante aconteceu conosco quando estudos lingüísticos publicados por diversos autores sobre o uso alternante das formas pronominais *você* (forma padrão), *ocê* e *cê* (formas não-padrão), p.e. VITRAL (1996; 2001a; 2001b; 2002); RAMOS (1997); ALVES (1998); VITRAL e RAMOS (1999); e COELHO (1999), intrigaram-nos e também nos despertaram um grande interesse nessa área de investigação.

Inicialmente, fizemos uma breve investigação nos estudos mencionados acima e em outras publicações e as descobertas, principalmente, a constatação de VITRAL (1996) de que a forma *cê* é clítico sintático nominativo instigaram-nos a refletir mais a este respeito, pois percebemos que a *performance* do falante do Português Brasileiro parece não condizer com a proposta desse estudioso. Observamos casos em que o uso de *cê* ocorre em posições que um clítico não assume e, em alguns contextos, esta forma até adquire proeminência tonal:

(1) Diálogo:

- *Pai, posso ir na praia com a vovó?*
- *Cê eu não posso deixar, filha, cê tá de castigo.*

Este exemplo (1) demonstra que a forma *cê* pode assumir posição de tópico, o que não reflete as propriedades de um clítico, que posteriormente serão descritas.

Devido à sua grande produtividade, atualmente, entre os falantes da Língua Portuguesa do Brasil – PB –, ao fato da gramática normativa não se pronunciar sobre sua forma, pois considera-a forma não-padrão (estigmatizada) e à análise proposta por VITRAL a seu respeito, dentre as variáveis citadas, determinamos a forma *cê* como nosso objeto de estudo e propomo-nos a fazer um recorte no tempo atual e investigar **seu estatuto no PB**. Levando em conta a observação descrita acima e os estudos mencionados, elaboramos alguns questionamentos:

- Será que a forma *cê* é realmente clítico já que pode aparecer topicalizada; focalizada (foco contrastivo); coordenada a elemento tônico (apenas elementos de mesma categoria coordenam-se); sozinha constitui frase entoacional não-ramificada; e não sofre redução quando seguida de palavra iniciada por vogal tônica (sândi interno), isto é, não se comporta como os demais clíticos do PB?
- Sua preferência, como outros pronomes que eram exclusivamente nominativos, pela posição de sujeito pré-verbal às demais (ocorre em outras posições, mas com menos frequência) é suficiente para classificar *cê* como clítico sintático?
- As interpolações (**obrigatórias** e não opcionais) ocorridas entre *cê* e o verbo lexical do período sintático que compõem, inaceitáveis pelos já consagrados clíticos do PB, podem ser justificadas através da alegação de que os clíticos medievais apareciam **preferencial mas opcionalmente** interpolados?
- Será que uma análise acústica da duração e intensidade desta forma, desconsiderando sua qualidade vocálica e realizada através de textos lidos não impossibilita a ocorrência de *cê* em ambientes que denotem proeminência acentual forte (p.e. 1), induzindo a uma análise que a considera elemento sem

- Numa perspectiva sintático-gerativista, os clíticos são tratados como núcleo de uma projeção máxima. *Cê* assume esta posição para podermos classificá-la como clítico sintático?
- O fato de possuir os mesmos significados lexical e gramatical de *você* e desta liderar o emprego gramaticalizado, posteriormente seguida por *cê*, o que contraria a teoria da gramaticalização, não é mais um dos indicadores de que esta forma não é clítico?

Mediante estes questionamentos, e pelo fato de a posição de clítico em Português Europeu ser sensível à informação prosódica, segundo FROTA e VIGÁRIO (1996), e de supormos o mesmo para o Português Brasileiro, estabelecemos a seguinte hipótese: Assim como alta frequência de ocorrência, velocidade de fala (rápida) e estilo mais informal (fala espontânea) favorecem processo de redução de itens (BYBEE: 2001) - fato que ocorreu com o pronome *você* que se reduziu a *cê* - estes dois últimos aspectos, acrescidos de informação semântica, não favorecem alternância do padrão acentual de *cê* em constituinte prosódico superior à ω ? Ou seja, *cê* não seria uma palavra plena, que surge, em contextos e nível prosódico específicos, ora como elemento fraco ora forte?

Pretendemos, neste trabalho, a partir do uso de *cê* em estilo informal pelos falantes do Português Brasileiro (e com velocidade de fala mais rápida), promover uma reflexão sobre o fenômeno de cliticização, esclarecer algumas nuances do fenômeno *cê* no PB, abordando aspectos fonológicos, morfológicos e sintáticos e fornecendo uma análise alternativa para este mesmo elemento segundo a Fonologia Prosódica. Especificamente, almejamos:

- a) analisar se a forma reduzida *cê* se comporta nesta língua como clítico pronominal (sintático e/ou fonológico), dentro do quadro da Cliticização;
- b) conferir o *status* de palavra plena a *cê* tanto dentro do aparato da Cliticização quanto da Fonologia Prosódica;
- c) propor uma análise alternativa para a atonicidade percebida em *cê* fundamentada em pressupostos teóricos da Fonologia Prosódica;
- d) contribuir com uma reflexão sobre os clíticos no PB, enfocando os aspectos sintáticos, morfológicos e fonológicos destas formas uma vez que constituem tema controverso entre os estudiosos que por elas se interessam;
- e) dialogar com outros textos que abordam o mesmo assunto.

Esta pesquisa é de natureza essencialmente teórica. Assim sendo, interessam-nos os dados do Português Brasileiro apenas na medida em que esses dados ilustram/ confirmam as generalizações, as regras e os princípios formulados a partir de discussões e reflexões fundamentadas em pressupostos fornecidos pelas teorias assumidas. Pauta-se em estudos investigativos sobre o estatuto atual da forma *cê*; e este trabalho, devido a sua natureza, permite-nos utilizar dados de introspecção, tendo como base dados extraídos da literatura atestada e publicada por vários autores mencionados na bibliografia e construções em acordo com o dialeto de falantes do Norte de Minas. Ressalta-se que a análise fonológica realizada para determinar os ambientes de ocorrência de *cê* é de nossa responsabilidade, apesar dos dados que serviram de material para esta análise constituírem parte do *corpus* de COELHO (1999). Propõe-se uma análise dentro da teoria da Cliticização e Fonologia Prosódica para comprovar/refutar a natureza clítica da forma *cê*.

A proposta é de que *cê* não é clítico sintático mas palavra plena, pois os testes para identificação de clíticos determinados pela teoria da cliticização refutam esta

possibilidade e, mais, esta literatura alega que clítico: a) não figura como foco contrastivo ou tópico, b) não se coordena com elementos tônicos, c) nunca figura sozinho em enunciado, d) e não pode ser modificado por advérbio; porém, demonstraremos que *cê* ocorre nestes e em outros ambientes não permitidos a clíticos, logo não é clítico sintático.

Segundo a abordagem prosódica, ratificaremos o *status* de palavra plena a *cê* e a identificaremos como palavra plena que possui padrão acentual alternante (forte/fraco) no constituinte prosódico frase entoacional. Logo, a perda de acento constatada nessa forma dá-se no nível da frase e não na palavra, ou seja, há ambientes prosódicos que favorecem um acento frasal fraco a *cê*, conforme (2):

$$(2) \underset{w}{[[[[Cê] \omega] C] \phi]} \underset{w}{[[[pediu] \omega] C] \phi]} \underset{s}{[[[pra sair.] \omega] C] \phi}] I^1$$

Mas isso não descarta a existência de acento frasal forte para esta mesma forma, desde que inserida numa frase entoacional.

$$(3a) \underset{w}{[[[[Cê] \omega] C] \phi]} \underset{w}{[[[o conhece] \omega] C] \phi]} \underset{s}{[[[muito bem] \omega] C] \phi}] I$$

$$(3b) \underset{s}{[[[[Cê] \omega] C] \phi]} \underset{w}{[[[o conhece] \omega] C] \phi]} \underset{w}{[[[muito bem] \omega] C] \phi}] I$$

Os exemplos em (3) confirmam a possibilidade de *cê* sofrer alternância acentual na frase: em a) temos *cê* como nó fraco e, em b), como nó forte.

¹ Exemplo de VITRAL (1996), mas adaptado a padrões prosódicos.

Esta dissertação é composta de mais três capítulos. O capítulo dois discorre brevemente sobre a classe gramatical dos pronomes e explicita os pressupostos teóricos da Cliticização e da Fonologia Prosódica. O capítulo três é dedicado à exposição da abordagem de VITRAL a *cê*, além da descrição da distribuição fonológica que realizamos de *você/ocê/cê*, que servirão de base para a discussão sobre a posição deste estudioso. Este capítulo também se compõe da análise da forma *cê* como clítico (sintático e/ou fonológico) e palavra plena e de uma proposta de análise elaborada dentro do quadro prosódico. Finalmente, no capítulo quatro, são apresentadas algumas considerações finais a partir da análise realizada.

Por defendermos a necessidade de uma investigação sobre o *status* atual de nosso objeto de estudo, elaboramos o próximo capítulo com o intuito de revisitar as literaturas teóricas que respaldarão nossa análise, em outras palavras, apresentaremos um quadro geral sobre pronomes e os pressupostos teóricos da Cliticização e da Fonologia Prosódica.

CAPÍTULO 2

REVISITA À LITERATURA

Como o arcabouço teórico é de fundamental importância para a concretização de nosso trabalho, optamos por fornecer um panorama geral da classe gramatical a que pertence nosso objeto de estudo, a forma *cê*, levando em consideração seu aspecto histórico, além de abordar considerações de alguns estudiosos sobre a forma padrão *você*, da qual *cê* é variante.

Também visitaremos a literatura da Cliticização para identificarmos o *status* atual de *cê*, visto que estudos anteriores analisam esta forma como clítico pronominal sintático. E como os autores não são unânimes na abordagem do fenômeno de cliticização e o condicionam a fatores sintáticos, morfológicos e/ou fonológicos, analisaremos *cê* não apenas numa perspectiva sintática, mas também fonológica e morfológica. Assim, desenvolveremos subseções para apresentar estas diferentes investigações.

Por fim, abordaremos a literatura da Fonologia Prosódica que respaldará a análise prosódica proposta neste trabalho, levando em conta os constituintes prosódicos palavra fonológica, grupo clítico, frase fonológica e frase entoacional já que almejamos conferir o *status* de palavra plena a *cê*, a qual pode alternar seu padrão acentual no nível da frase entoacional. Para complementar e em razão do acento focal ser permitido apenas a elementos que possuem acento primário, abordaremos o foco na prosódia.

2.1 – PRONOMES

Pronome é a palavra que denota o ente ou a ele se refere, considerando-o apenas como pessoa do discurso.

(Said Ali: 1985)

Nosso objeto de estudo, a forma *cê*, pertence à classe dos pronomes, assim, investigamos esta categoria gramatical e detectamos que, inicialmente, os estóicos consideravam os pronomes inseridos na classe de nomes comuns, porém, ao se reconhecerem suas diferenças foram incluídos entre os artigos definidos devido a sua relação com as pessoas gramaticais.

Dionísio de Trácia, posteriormente, dividiu os pronomes em duas classes: primitivos (pessoais) e derivados (possessivos).

Já para Nomenclatura Gramatical Brasileira – NGB –, que regula as gramáticas tradicionais escritas no Brasil, a categoria pronome inclui: pronomes pessoais, possessivos, demonstrativos e indefinidos. Segundo ela, os pronomes remetem à definição de nome e são classificados em substantivos e adjetivos, isto é, ocorrem em ambientes sintáticos ora de substantivo, ora de adjetivo.

Mais antiga que essa sistematização da NGB, há outra ainda vigente, para outras línguas românicas, que considera pronomes apenas os pessoais e alguns indefinidos com uso exclusivo de substantivo; as demais formas pertencem a classes dos adjetivos (ILARI et al: 1996).

ILARI et al (1996) numa pesquisa sobre os pronomes pessoais do português falado no Brasil observam que sua classificação tradicional recupera uma regularidade da sentença latina, que denota perfeita correspondência entre as pessoas do pronome e pessoas do verbo, conforme distribuição em (4):

(4a) *Pronomes nominativos do Português Europeu (fornecida pela Gramática Normativa)*

eu falo	nós falamos
tu falas	vós falais
ele fala	eles falam

Em (4b) fica claro que cada pronome possui seu morfema número-pessoal correspondente:

(4b) eu \Rightarrow {o} = 1 ^a pessoa do singular	nós \Rightarrow {mos} = 1 ^a pessoa do plural
tu \Rightarrow {s} = 2 ^a pessoa do singular	vós \Rightarrow {is} = 2 ^a pessoa do plural
ele \Rightarrow {Ø} = 3 ^a pessoa do singular	eles \Rightarrow {m} = 3 ^a pessoa do plural

Porém, um confronto desta abordagem tradicional dos pronomes nominativos do português com sua configuração atual apontaram alterações sofridas ao longo do tempo: alterações paradigmáticas ocorridas que exigem reenquadramento de alguns pronomes, por exemplo *você* (*e variantes*), e reduzem as desinências flexionais diferentes do verbo.

Hoje, essa correspondência entre os pronomes pessoais e os morfemas número-pessoais de um verbo está rompida no PB devido à substituição de *tu* por *você*, que faz referência a quem se fala, mas leva o verbo para a 3^a pessoa (concordância faz-se com o substantivo), em razão da sua tradicional classificação como pronome de tratamento, e mais recentemente de *nós* pela expressão *a gente* (SILVA: 1996)²:

² Para SILVA (1996), a história da ocupação do Brasil explica esta substituição de *tu* por *você*: os escravos dirigiam-se a seus proprietários através da forma original *Vossa Mercê*, que sofreu transformações/reduções.

(5a) Pronomes nominativos do PB atual³

eu falo	a gente fala/ nós falamos	(a gente ~ nós)
tu/você fala	vocês falam	
ele/ela fala	eles/elas falam	

Comparando (4) e (5), percebe-se que um verbo regular no PB possui atualmente no máximo quatro desinências número-pessoais diferentes para as seis possíveis pelo PE. O Português Brasileiro parece ter perdido a oposição morfológica entre as pessoas do discurso.

<i>(5b)</i> eu \Rightarrow {o}	a gente/nós \Rightarrow { \emptyset }/{mos}
tu/você \Rightarrow { \emptyset }	vocês \Rightarrow {m}
ele/ela \Rightarrow { \emptyset }	eles/elas \Rightarrow {m}

O que se percebe é que o pronome *você* perdeu seu caráter de tratamento cerimonioso ao ser usado em lugar de *tu* e também passou a incorporar uma interpretação indefinida, que é condenada pela NGB. O exemplo abaixo foi retirado de ILARI et al (1996) para demonstrar o caráter indeterminado de *você* em certas construções:

*(6) Antigamente você ia ao Cine Ipiranga, eram umas poltronas ótimas tinha lá em cima **você** ficava bem acomodado.* (DID-SP-234:578-579 – negrito nosso)

SILVA (1996) demonstra que, não apenas *você* é usado com referência mais generalizada na atualidade, *nós* e *eu* também, embora saliente que *eu* e *você* apresentam alto grau de indeterminação da referência.

³ Ressalta-se que os pronomes nominativos e suas flexões verbais descritos correspondem a dialetos do PB, pois no sul e em algumas regiões do nordeste do Brasil há o uso do pronome *tu* no lugar de *você*, utilizado nas demais regiões.

Sem nunca ter ido à Suíça, pode-se produzir as seguintes sentenças:

(7) *Na Suíça, **eu** não preciso ficar de sobressalto, esperando um novo pacote econômico a qualquer momento*⁴. (negrito nosso)

(8) *Na Suíça, **você** não precisa ficar de sobressalto, esperando um novo pacote econômico a qualquer momento*. (exemplo nosso)

BECHARA (2001) aborda esta mesma questão ao afirmar que a definição de 2ª pessoa “referência a quem se fala” é o emprego mais comum de *você*. Para este autor, essa 2ª pessoa pode entrar numa variedade impessoal e cita como exemplos no PB, além de *você*, o *tu*. Também faz referência à ocorrência deste fenômeno no francês quando *vous* funciona como anafórico de *on*, conforme exemplo abaixo:

(9) ***On** ne peut se promener sans que quelqu'un **vous** aborde*⁵.

Em português seria:

(10) *Não se pode passear sem que alguém aborde **você***.

A literatura também atesta que a Língua Portuguesa do Brasil possui um elenco de pronomes pessoais clíticos em distribuição complementar com suas formas plenas correspondentes, conforme quadro a seguir:

⁴ Exemplo extraído da própria autora: SILVA (1996).

⁵ Exemplo extraído de BECHARA (2001).

QUADRO 1– Clíticos pronominais do PB e suas formas plenas

Nº/P	Clítico		Forma Plena
	OD	OI	OD/OI
1ª p.s.	me	me	mim
2ª p.s.	te	te	ti
3ª p.s. F	a	lhe	ela
3ª p.s. M	o	lhe	ele
1ª p.p.	nos	nos	nos
2ª p.p.	vos	vos	vos
3ª p.p. F	as	lhes	elas
3ª p.p. M	os	lhes	eles
refl.	se		

Legenda:

p.p. = pessoa do plural	p.s. = pessoa do singular	F = feminino
M = masculino	Nº/P = número-pessoa	OI = objeto indireto
OD = objeto direto	refl. = reflexivo	

Conforme o quadro acima demonstra, temos clíticos em correspondência com suas formas plenas, em concordância com as pessoas do discurso.

A distribuição dos clíticos pronominais em PB é bem diferente do PE, conforme veremos na próxima seção. Enquanto em PE as regras de posição de próclise e ênclise são bem definidas, em PB prevalece a próclise (PEREIRA: 1981). Observe o que os exemplos em (11) atestam.

(11a) *Maria me viu. (PB)*

(11b) *Maria viu-me. (PE)*

(11c) **Maria me viu. (PE)*

A próclise ocorrida em (11a) no PB não é permitida para o PE (11c), que prevê uma ênclise nesse mesmo ambiente (11b). Por serem proclíticos ao verbo, não há formas alomórficas de clíticos em PB.

Dados também confirmam que o PB não segue a Lei de Wackernagel⁶ e nem de Tobler Mussafia⁷, pois temos clíticos iniciando sentenças, de acordo com (12a); esta distribuição sintática não é permitida em PE (12b).

(12a) *Me dá um tempo. (PB)*

(12b) **Me dá um tempo. (PE)*

Ambos os dialetos do Português, Português Brasileiro e Português Europeu, possuem padrões bem definidos quanto à posição ocupada pelos clíticos e, em PB, acrescenta-se o fato de os clíticos serem muito menos usados que em Portugal: DUARTE (1986) constatou que a ocorrência de clíticos acusativos em PB é baixíssima e restringe-se a contextos sociais específicos, além de serem adquiridos na escola.

Alguns autores (p.e., DUARTE: 1986) atualmente defendem que os clíticos acusativos em PB estão sendo anulados, optando-se, em seu lugar, pela variante OD nulo, NP lexical ou pronome tônico, respectivamente em (13).

⁶ Lei Wackernagel: JAKOB WACKERNAGEL observou que em línguas indo-européias os elementos clíticos geralmente aparecem em segunda posição nas orações, embora, primeiramente, tenha identificado clíticos como elementos tipicamente sem acento, formas prosodicamente dependentes.

⁷ Lei de Tobler Mussafia: pronomes átonos não podem ocupar a posição inicial em sentenças.

(13) *Joana, cê viu meu filho?*

- *Eu vi Ø ontem.*

- *Eu vi seu filho ontem.*

- *Eu vi ele ontem.*

Através deste exemplo, confirmamos a substituição do clítico acusativo *o* pelo OD nulo no 1º contexto de resposta, pelo NP lexical no 2º e, pelo pronome tônico no 3º contexto. A literatura tradicional não menciona clítico nominativo em PB.

Acreditamos que com essas informações gerais sobre os pronomes pessoais, classe a que pertence a forma *cê*, podemos iniciar a descrição dos quadros teóricos selecionados para fundamentar nossa investigação. A próxima seção pertence à Cliticização e, posteriormente, o espaço será cedido à Fonologia Prosódica.

2.2 – CLITICIZAÇÃO

Iniciaremos nossa descrição teórica sobre os clíticos tratando da definição de **clítico** – termo muito utilizado neste trabalho.

Clítico é um termo proveniente do grego cujo significado é “inclinado”. Recebem essa denominação as formas que se assemelham a palavras, mas que não podem aparecer sozinhas em um enunciado normal, sendo estruturalmente dependentes de uma palavra vizinha (hospedeiro). Essa sua dependência pode ser fonológica e/ou sintática. E cliticização é o termo que expressa essa ligação do clítico com um elemento hospedeiro.

Nesta nossa investigação, a cliticização será observada segundo abordagens sintáticas, fonológicas e/ou morfológicas, já que elas auxiliarão na definição do *status* atual da forma *cê*. A partir da literatura sobre cliticização estaremos munidos de material e

fundamentação para a análise desse objeto de estudo; também seremos capazes de, mediante testes que caracterizam um vocábulo, identificar se essa forma *cê* é clítico (sintático e/ou fonológico) ou palavra plena, confirmando ou refutando a análise de VITRAL. Assim, este tópico é de extrema importância para o presente estudo já que temos o intuito de testar a conclusão desse estudioso. Será *cê* realmente clítico sintático?

A descrição dos clíticos sintáticos, segundo a literatura transformacional, nos indicará suas propriedades, mas realçaremos os enfoques de KAYNE (1975) e SPORTICHE (1992; 1993; 1995) por considerarmos suas posições concernentes à nossa proposta, razão de surgirem destacados. A análise fonológica abordará o enfoque de NESPOR e VOGEL (1986) e, por fim, numa análise mista⁸, adotaremos autores como SPENCER (1991), KLAVANS (1982; 1985), ZWICKY (1985), GALVES e ABAURRE (1996).

2.2.1 – CLÍTICO: abordagem sintática

São muitos os estudos que tratam o fenômeno de cliticização sob o prisma sintático, assim, consideramos imprescindível esta descrição teórica. E como as análises também são variadas, retrataremos a posição da literatura transformacional, com autores como AOUN (1985), JAEGGLI (1982; 1986) e BORER (1984), e destacaremos as que respaldarão nosso trabalho, no caso KAYNE (1975) e SPORTICHE (1992; 1993; 1995).

⁸ Adotamos o termo *mista* para denominar esta terceira abordagem pelo motivo dos estudiosos, por nós selecionados para fundamentar o trabalho, divergirem quanto à análise dos clíticos. SPENCER, ZWICKY e KLAVANS optam pelo prisma morfossintático-fonológico e GALVES e ABAURRE, pelo prisma sintático-fonológico.

2.2.1.1 – Literatura transformacional

Para a literatura transformacional os clíticos são pronomes que se originam em estrutura subjacente na posição inicialmente ocupada pelos complementos dos verbos e são, então, movidos pela transformação para posições sintáticas que ocupam na superfície.

A razão para isso é que os objetos clíticos estão em distribuição complementar com objetos NPs plenos e o modo mais simples de descrever essa distribuição, junto com o fato de que os clíticos expressam a função de objeto, é assumir que são objetos subjacentemente. Isso pode ser observado nos exemplos a seguir:

(14a) *Maria comprou [a blusa]. NP*

(14b) *Maria comprou-[a]. NP*

(14c) *Maria a comprou[*cv*]. NP*

Os dados (14) mostram-nos o NP lexical *a blusa* em distribuição complementar com o NP *a* (enclítico ao verbo), mas, quando movido para posição proclítica, surge uma *cv* na posição inicial deste clítico acusativo.

Tal análise de que clíticos são objetos NPs subjacentes é análoga ao movimento WH:

(15a) *You saw who?*

“Você viu quem?”

(15b) *Who did you see[*cv*]. NP?*

“Quem você viu [*cv*]. NP?”

(16a) *Je vois le.*

“Eu vejo-[o].”

(16b) *Je le vois [cv]. NP*

“Eu o vejo[*cv*]. *NP*”

A razão para esse tratamento é o fenômeno de alçamento: os dados acima nos indicam que, assim como WH, exemplo (15b) do inglês, o clítico também é alçado de sua posição inicial, o que acarreta o surgimento de uma *cv* nesta posição, conforme exemplo (16b) do francês.

Para descrever o fato de que combinação verbo-clítico em línguas românicas tende a se comportar fonológica e morfologicamente como verbo, é costumeiro assumir um tipo de análise de corporação nominal sob a qual o clítico é adjungido ao V lexical e, assim, o complexo todo retém a categoria V.

Em línguas românicas, o fenômeno de alçamento do clítico dá-se quanto à sua posição em relação ao verbo, conforme (16) acima, que caracteriza a substituição do objeto lexical NP pelo clítico e seu movimento semelhante a WH, sempre adjunto ao verbo, restando uma *cv* em sua posição inicial.

Em relação à identidade dessa categoria vazia surgida do movimento do clítico, há controvérsias na literatura. Segundo AOUN (1985), o clítico ocupa uma posição não-argumental, logo categoria vazia é A', absorve o papel teta do verbo (isto quer dizer que a variável funciona como anáfora) e absorve o Caso que o verbo assimila, assim a cliticização envolve um movimento sintático deixando um traço.

JAEGGLI (1982; 1986) oferece uma análise diferente: clítico absorve Caso e a *cv* deve ser *pro*.

Análise similar a de JAEGGLI é apresentada por BORER (1984), que assume que a posição do NP é uma posição argumental; o verbo teta marca-o. Contudo, o clítico não absorve Caso como função. Segundo tal análise, o clítico está coindexado ao verbo como um afixo. A seguir, salientamos a investigação sintática dos clíticos de acordo com KAYNE e SPORTICHE.

2.2.1.2 – Kayne

KAYNE (1975) produziu análise para os clíticos do tipo descrita pela literatura transformacional discutida na seção anterior. Este autor considera os clíticos pronomes originários em estrutura subjacente na posição ocupada pelos argumentos do verbo, podendo ser movidos à posição sintática ocupada na estrutura superficial. Baseado nos clíticos do francês, KAYNE (1975) apresenta-nos propriedades dos clíticos que servem como testes para identificar estes elementos. Segundo este autor, os clíticos:

- ocorrem contíguos ao verbo, sem nenhum elemento entre eles e seu hospedeiro. Esta propriedade impossibilita construções como em (17a) com o clítico *il* (primeiro da seqüência);

(17) a. * *Il, paraît-il, est fou.*

“ Ele, parece ele, louco.”

b. *Jean, paraît-il, est fou.*

“Jean, parece ele, louco.”

- não podem ser modificados, o que torna (18a) agramatical. O clítico *il* não pode ser modificado por *tous*;

(18) a. * *Ils tous partiront bientôt.*

“Eles todos partirão em breve.”

b. *Eux tous partiront bientôt.*

“Eles todos partirão em breve.”

- não ocorrem unidos por conjunção. Impossível a coordenação do clítico *il* com o NP lexical *Jean*;

(19) a. * *Jean et il partiront bientôt.*

“Jean e ele partirão em breve.”

b. *Jean et lui partiront bientôt.*

“Jean e ele partirão em breve.”

- não podem figurar como tópico; esta posição não é ocupada por clíticos. De acordo com a construção (20a) a seguir, o clítico *il* não pode ocorrer em posição de tópico.

(20) a.* *Il partirá le premier.*

“Ele partirá primeiro.”

b. *Lui partira le premier.*⁹

“Ele partirá primeiro.”

Outras características sintáticas de clíticos são propostas por KAYNE, mas por serem específicas do francês, incondizentes com o PB, não as consideraremos aqui. Mas estas propriedades descritas acima serão utilizadas, posteriormente, para testarmos o *status* da forma *cê*. Agora, vejamos a abordagem sintática de SPORTICHE.

2.2.1.3 – Sportiche

SPORTICHE (1992; 1993) não opta pela análise de substituição de NP (DP), nem por movimento de clítico ou que clíticos são gerados em posição superficial. Considera que clítico não pode encabeçar DP sujeito ou objeto, abandona a teoria que supõe que nenhum movimento está envolvido na construção clítica e propõe que o movimento envolvido neste fenômeno não é do clítico. Argumenta que os clíticos ocorrem adjungidos ao elemento verbal mais alto da oração que contém XP.

Segundo este autor (1995), em construções clíticas de línguas românicas, há uma cabeça flexional H^o encabeçando uma projeção dentro de um sistema flexional chamado de CIP. Esta H^o é o próprio clítico e os clíticos–sujeitos pré-verbais são gerados como cabeça de uma categoria INF, chamada NP, e não de um DP; estão localizados acima de AgrP na estrutura de uma oração.

Este estudioso (1995) distingue clítico sintático de clítico fonológico. Segundo ele, clíticos sintáticos não podem ser separados de seu hospedeiro por nenhum processo sintático (corroborando KAYNE: 1975) e são necessariamente clíticos fonológicos; clíticos

⁹ Exemplos do francês (17-20) foram extraídos de CORRÊA (1998).

fonológicos carecem de acento e podem ser sintaticamente autônomos. Mais, assume que clíticos pronominais de sujeito não são sintaticamente cliticizados, podem ser apenas clíticos fonológicos.

Para Sportiche os pronomes sujeitos podem ser divididos entre pronomes exclusivamente nominativos e outros não exclusivamente nominativos. Esta distinção refletirá em seu comportamento clítico: os clíticos exclusivamente nominativos são sempre clíticos fonológicos; na segunda classe, não se exige cliticização fonológica (embora seja preferida) porque os pronomes são realmente clíticos em algumas construções, contudo, exceto para estas formações, podem ser acentuados.

Esse comportamento da segunda classe dá-se porque seus pronomes são ambíguos: ora são clíticos, ora não. Esses elementos, como cabeça de NP, são considerados clíticos fonológicos (paradigma fraco), mas, como cabeça de DP, não são clíticos e são acentuados, logo seu paradigma é forte.

A seguir nos remetemos à abordagem fonológica sobre clíticos.

2.2.2 – CLÍTICO: abordagem fonológica

Anteriormente, alegamos a necessidade de analisar o clítico numa abordagem fonológica e salientamos que para isso nos respaldaríamos em autores como Nespor e Vogel. Este é o propósito da próxima subseção.

2.2.2.1 – Nespor e Vogel

NESPOR E VOGEL (1986) definem clítico como forma que se assemelha a uma palavra, mas que exibe um tipo bem conhecido de dependência fonológica que outros

elementos não compartilham: especificamente, os clíticos nunca ocorrem sozinhos, isto é, não podem ser o único elemento de uma sentença. Segundo estas autoras, há aspectos fonológicos que distinguem clítico de palavra acentuada, conforme propriedades¹⁰ abaixo:

- um elemento é um clítico se, junto com uma palavra, é afetado por regras de sândi interno; e, se é descrito como parte de uma palavra fonológica para o propósito de indicação de acento, também deve ser considerado um clítico;
- um elemento é uma palavra independente se, junto com outra palavra, é afetado por regras de sândi externo.

As autoras acrescentam a essas propriedades o fato de os clíticos não poderem receber acento contrastivo, já que, segundo elas, apenas elementos que possuem acento primário podem figurar como foco; em referência às palavras acentuadas monossilábicas, Nespor e Vogel assumem que estas formas podem sofrer perda acentual no nível da sentença como forma de resolver choque acentual.

Para essas autoras, uma palavra fonológica com seus clíticos pertence ao constituinte prosódico grupo clítico (*C*). O domínio de *C* consiste de uma palavra fonológica que contenha uma palavra independente mais quaisquer palavras fonológicas adjacentes que contenham a) um clítico direcional, ou b) um clítico que não possua hospedeiro possível com o qual compartilhe mais filiações de categoria.

A construção desse constituinte, segundo por NESPOR e VOGEL (1986), dá-se através do ajuntamento em um *C* ramificado *n*-ariamente de todas as palavras fonológicas da cadeia delimitada pela definição do domínio de *C*.

¹⁰ Essas propriedades corroboram os testes fonológicos propostos por ZWICKY (1985).

Mas há controvérsias em relação a esse constituinte *C*: alguns estudiosos desconsideram sua existência e incluem os elementos clíticos na palavra fonológica, conforme veremos posteriormente.

Em razão de estudiosos enfatizarem que cliticização está relacionada a fenômenos fonológicos, morfológicos e sintáticos, também consideramos uma abordagem mista, conforme subseção 2.2.3.

2.2.3 – CLÍTICO: abordagem mista

Nosso enfoque a clíticos numa abordagem mista leva em conta análises de autores distintos, como: SPENCER (1991), KLAVANS (1982; 1985), ZWICKY (1983), GALVES e ABAURRE (1996). Reafirmamos, conforme nota 8 (pág. 29), que o termo *mista* foi escolhido em razão de satisfazer as divergências nas análises destes autores selecionados como representantes dessa abordagem: SPENCER, KLAVANS e ZWICKY propõem uma análise morfossintático-fonológica para os clíticos e GALVES e ABAURRE, uma análise sintático-fonológica. Para isso, dividimos suas análises em subseções, de acordo com cada autor.

2.2.3.1 – Spencer

Em SPENCER (1991), o fenômeno de cliticização é-nos apresentado como o ponto de encontro entre morfologia, sintaxe e fonologia, sendo considerado clítico o elemento que compartilhar certas propriedades das palavras plenas, mas que carecer da independência dessas palavras, ou seja, esse elemento ata-se fonologicamente a um hospedeiro.

Este autor considera clíticos palavras funcionais que se desenvolveram, historicamente, da forma plena para afixos funcionais, apesar da cliticização ser mais livre e

menos restrita lexicalmente que a afixação, pois os clíticos unem-se a qualquer palavra da sentença enquanto os afixos se unem a classes gramaticais específicas ou a radicais, mas há exceções.

Geralmente, estes elementos são incapazes de receber acento ou tonicidade, embora KLAVANS (1985) aponte que não é sempre o caso e cite o grego de exemplo: o único da literatura. Em grego, numa seqüência palavra + enclítico, o clítico pode receber acento para respeitar o padrão acentual dessa língua, através de reajustamento do acento, conforme exemplos abaixo.¹¹

(21a) γράψε[γράφε]

“escrever”

(21b) γράψε μου το [γράφεμουτο]

“escrever para mim-o”

“escrevê-lo para mim”

Como em grego uma palavra não pode ter mais que duas sílabas não acentuadas à direita do acento da palavra original (21a), os reajustamentos de acento, em determinados contextos, acarretam acento em clítico (21b).

Spencer ainda enfoca a dificuldade de se caracterizar um clítico e o fato de alguns lingüistas terem abandonado a noção teórica para considerar a noção de clítico como um termo meramente descritivo. Contudo, há outros estudiosos que consideram clítico uma categoria morfossintática identificável separadamente.

¹¹ Exemplos do grego extraídos de NESPOR e VOGEL (1996).

Razões para se compreender a natureza do clítico, segundo Spencer:

- cliticização levanta muitas questões complexas concernentes ao relacionamento entre características sintáticas, morfológicas e fonológicas desta noção;
- impossível construir uma teoria de morfologia flexional adequada se flexão é confundida com cliticização ou se tipos importantes de sistema flexional são erroneamente classificados como sistemas clíticos;
- a sintaxe tem demonstrado interesse pela natureza do sistema pronominal clítico em diversas línguas e alguns discutem que os clíticos devem ser considerados tipos degenerados de pronomes e que seu comportamento deve ser, por isso, visto primeiramente de uma perspectiva sintática. Outros discutem que, morfológicamente, esses pronomes clíticos são mais afixos.

Além destas razões citadas acima para compreensão do fenômeno de cliticização, Spencer constata que a posição do clítico depende da acentuação da sentença ou fatores prosódicos similares. Percebe que o clítico está atado mais a um elemento prosódico que um elemento sintaticamente definido.

Através da análise descritiva de SPENCER (1991) sobre os clíticos de três línguas – sérvio-croata, macedônia e português europeu –, entenderemos melhor este fenômeno de cliticização.

Sérvio-croata

O exemplo (22a)¹² abaixo demonstra que esta sentença do sérvio-croata possui os clíticos *mi* e *je* atados ao primeiro constituinte (aparecem após NP) e os clíticos de (22b)

¹²Os exemplos (22) a (35), exceto (29), foram retirados de SPENCER (1991).

unem-se à primeira palavra acentuada do NP (aparecem após primeira palavra), gerando variantes com o que é esperado em bases sintáticas.

(22a) [*Taj pesnik*]_{NP} *mi* *je* *napisao knjigu.*

Aquele poeta 1^ap.s. DAT AUX escreveu livro.

(22b) [*Taj mi je pesnik*]_{NP} *napisao knjigu.*

“Aquele poeta escreveu-me um livro.”

O traço clítico dessa sentença aparece como 2º constituinte da oração: posição após o 1º constituinte acentuado ou após a primeira palavra acentuada (posição Wackernagel), conforme (22) acima, e demonstra sua dependência do acento da sentença.

Esta língua inclui auxiliares e pronomes, além de partículas interrogativas, em seu sistema clítico – descrição feita por BROWNE (1974). Os clíticos auxiliares, como outros verbos, flexionam-se em pessoa e número. A única diferença existente entre forma plena e clítica no tempo passado sérvio-croata é o acento: as formas clíticas são inerentemente não acentuadas¹³ e as formas plenas têm vogais curtas e recebem uma queda tonal. Veja o exemplo (23):

¹³ Os clíticos em sérvio-croata são formas não acentuadas, portanto, incapazes de carregar acento de sentença.

(23) verbo ser - tempo passado

	<i>Forma plena</i>	<i>clítico</i>
1 ^a p.s.	<i>bih</i>	<i>bih</i>
2 ^a p.s.	<i>bì</i>	<i>bi</i>
3 ^a p.s.	<i>bí</i>	<i>bi</i>
1 ^a p.p.	<i>bismo</i>	<i>bismo</i>
2 ^a p.p.	<i>biste</i>	<i>biste</i>
3 ^a p.p.	<i>bišë</i>	<i>bi</i>

Os clíticos pronominais desta língua possuem suas formas acusativas e dativas após os verbos auxiliares, na ordem dativo/acusativo¹⁴. A única exceção é para o auxiliar *je* que vem sempre por último em uma seqüência de clíticos pronominais, o que pode ser observado neste exemplo:

(24) *Jovan mi ih je dão.*

Jovan 1^ap.s. DAT. 3^ap.p. ACUS. AUX. 3^ap.s. deu.

“Jovan deu-os para mim.”

O único outro enclítico é a palavra interrogativa *li* e, mediante seu aparecimento, o verbo auxiliar, em posição inicial de sentença, tem que aparecer na sua forma plena, como em (25).

¹⁴ Obs: Verbo ser (reflexivo) – **dativo**: forma plena - sèbi; **acusativo**: plena - sèbe; clítica - se.

(25) *Hóces li dóci?*

AUX 2ªp.s. Q vir.

“Você virá?”

Como podemos constatar, nessa língua, embora os clíticos geralmente venham antes do verbo lexical da oração, isto não é invariável. Este exemplo (26) demonstra que o clítico pode aparecer após o verbo lexical *znam*.

(26) *Znam da me je Jovan video.*

Eu sei que 1ªp.s. ACUS. AUX 3ªp.s. Jovan vê.

“Eu sei que Jovan me vê.”

Encontram-se, também, reduções fonologicamente condicionadas no sérvio-croata, alomorfas determinadas através de fronteiras de constituintes ou palavras e estas não recebem acentuação.

Os clíticos desta língua, que não são palavras, possuem posição fixa similar aos afixos, mas não se comportam como afixos – não possuem um hospedeiro fixo (seu hospedeiro apenas deve ser o primeiro elemento sintático acentuado da oração) – e têm a liberdade de movimento das palavras, além de poderem ser alçados da posição de objeto de um verbo em uma oração subordinada infinitiva, aparecendo na oração principal.

Macedônia

A língua macedônia possui sistema clítico similar à língua sérvio-croata: a) a partícula modal invariável do auxiliar de futuro em macedônio – *cé* – é derivada da língua descrita anteriormente; b) sua condicional é expressa pela partícula *bi*, cognata com a forma

aorista de 3ª p.s. do verbo *ser* em sérvio-croata (palavras funcionais derivam-se de palavras de conteúdo que se tornaram clíticos); c) seu verbo *ser* forma um auxiliar com participio em *-l* para formar tempo passado, como em sérvio-croata; d) seus clíticos pronominais ocorrem nas formas dativas/acusativas; e) e a ordenação dentro do grupo clítico é como em sérvio-croata.

Contudo, diferem-se em alguns aspectos: os clíticos macedônios não respeitam a Lei de Wackernagel como o sérvio-croata, pois se agregam ao redor de seus verbos o seguindo no imperativo ou gerúndio, mas o precedendo nas demais formas finitas, conforme (27) e (28), respectivamente, já que se está perdendo o infinitivo na língua macedônia.

(27) forma não finita - imperativa

Zemi ja! (enclítico)

“Pega-o!”

(28) forma finita

Mi nadje brat mi. (proclítico)

“Meu irmão encontrou-me.”

Os exemplos em (27) e (28) comprovam o comentário acima, pois indicam o uso proclítico quando em presença de verbos finitos e o uso enclítico, quando com verbos imperativos e infinitivos; em (28) há também a comprovação de que clítico macedônio não segue a Lei de Wackernagel, pois aparece em posição inicial de sentença.

É sempre bom lembrar que essa tendência de clíticos aparecerem antes de verbos finitos e depois de verbos não finitos é também encontrada em muitas línguas românicas,

(menos em PB onde a tendência à próclise é geral). Para confirmar, observe os exemplos (29) do Espanhol:

(29a) *Él **me** blasfema cuándo lo interfiere.*

“Ele me xinga quando o interrompo.”

(29b) *Acercarme de casa es lo que más deseo cuándo estoy lejos.*

“Aproximar-me de casa é o que mais desejo quando estou longe.”

Essa língua da Macedônia possui um outro aspecto interessante: a língua tem um sistema acentual incomum em que, com exceções, acentos caem na antepenúltima sílaba de uma palavra ou na primeira sílaba de uma palavra dissílaba. O exemplo (30) abaixo nos mostra estes dois tipos de construções: analisando apenas o substantivo *zéna*, percebemos que se trata de dissílabo, logo acento recai na primeira sílaba; este hospedeiro com seu clítico *ta* ou clíticos *ta* e *ti*, recebe o acento na antepenúltima sílaba do grupo. Interessante, pois aqui a regra acentual trata como *palavra* qualquer palavra de conteúdo com seus enclíticos dependentes (palavra fonológica).

(30) *zéna-ta*

esposa-a

“a esposa”

zená-ta ti

esposa-a sua

“a sua esposa”

Porém, com proclíticos o acento usualmente recai sobre a forma verbal, conforme (31) a seguir demonstra. Já no caso da partícula negativa *ne*, há uma atração para si do acento

de verbos mono e dissílabos; além disso, um traço proclítico + verbo é tratado como palavra fonológica se o clítico for de negação. Consta-se disso através de exemplos como (32):

(31) *Mu go dá dov.*

Ele o eu-dei.

“Eu o dei para ele.”

(32) *Né dade.*

Não ele-deu.

“Ele não deu.”

Comportamento similar ao do clítico negativo é observado com pronomes interrogativos e em (33) isso pode ser confirmado, pois o pronome interrogativo *što* atraiu o acento de *reče*.

(33) *Štó reče?*

O que ele-disse?

“O que ele disse?”

Podemos acrescentar a esse fato de clítico e pronome interrogativo nesta língua atraírem para si o acento do verbo a observação de que esta mudança acentual ocorre também em colocações lexicalizadas. Em (34), por exemplo, temos duas palavras que foram lexicalizadas em (35).

(34) [*mála*] [*réka*] = 2 palavras fonológicas independentes

“ rio pequeno” (acento na 1º sílaba de cada palavra dissílaba)

(35) [*malá reka*] = 1 palavra fonológica

“nome de um lugar” (acento na antepenúltima sílaba do grupo)

O que verificamos nestes dois últimos exemplos é que o primeiro (34) é constituído de **duas** palavras, isto é, um adjetivo + substantivo, formando então **duas palavras fonológicas, cada uma com um acento primário**. O segundo exemplo (35) é **uma** palavra composta formada de duas palavras simples, razão de possuir **um único acento primário**, logo é **uma palavra fonológica**. Constatamos que a forma lexicalizada do exemplo (35), na sua formação composta, sofreu mudança acentual, ou seja, o acento primário da palavra simples *réka* passou a acento secundário.

Este último fato sugere que grupo clítico + hospedeiro forma uma unidade que é mais lexical que sintática, uma vez que sua união não depende de suas relações funcionais com outros termos de uma sentença.

Português Europeu (PE)

O Português Europeu é uma língua com sistema pronominal bem definido, conforme descrição no quadro (2) abaixo.

Esse quadro mostra a distribuição dos clíticos pronominais do Português Europeu (exceto alomorfes de 3ª p.s.) e as formas plenas – complementos de preposição - em relação às suas respectivas pessoas do discurso, número e gênero. Também categoriza os clíticos

segundo sua função sintática de objeto direto/objeto indireto e classifica *se* como clítico reflexivo.

QUADRO 2– Clíticos pronominais do PE e suas formas plenas¹⁵

Nº/P	Clítico		Forma Plena
	OD	OI	OD/OI
1ª p.s.	me	me	mim
2ª p.s.	te	te	ti
3ª p.s. F	a	lhe	ela
3ª p.s. M	o	lhe	ele
1ª p.p.	nos	nos	nos
2ª p.p.	vos	vos	vos
3ª p.p. F	as	lhes	elas
3ª p.p. M	os	lhes	eles
refl.	se		

Legenda:

p.p. = pessoa do plural	p.s. = pessoa do singular	F = feminino
M = masculino	Nº/P = número-pessoa	OI = objeto indireto
OD = objeto direto	refl. = reflexivo	

Em sentenças simples e afirmativas do PE, posição clítica é enclítica ao verbo. Isto é incomum em línguas românicas, pois, em espanhol (exceto formas não-finitas) e em

¹⁵Quadro adaptado de SPENCER (1991).

português brasileiro, os clíticos precedem verbo. Os exemplos (36), (37) e (38) demonstram isso:

(36) *Maria chama-me. (PE)*

(37) *Maria me chama. (PB)*

(38) *Maria me llama. (ESP)*

Esta encliticização do PE provoca certas alomorfias nos pronomes e nas palavras a que se atam, a saber:

- após palavras terminadas em /r/ ou /s/ a 3ª p. OD adquire /l/ e /r/ ou /s/ caem. Se o hospedeiro do clítico termina em vogal nasalizada, o clítico adquire /n/ para tornar-se no, na, nos, nas;
- em grupo clítico, a forma OI precede a forma OD e certas mudanças alomórficas são observadas: me + o = mo; lhe + os = lhos.

Também é característica do PE, seguindo a linha das demais línguas românicas, ter pronome precedendo verbo em orações que contêm palavras interrogativas (WH), negativas e subordinadas, conforme (39), (40) e (41), respectivamente.

(39) *Quando o vendem?*

(40) *Não o tenho.*

(41) *O armazém onde os compra está fechado.*

Um padrão similar é observado quando o sujeito é um NP quantificador em posição inicial de sentença e quando o verbo está no infinitivo e governado por preposição (exceto a), atestado em (42) e (43):

(42) *[Ambos]_{NP} se sentiam bem.*

(43) *Sem me decidir a interrogá-lo não vou.*

Parece que o comportamento do PE retém algumas propriedades dos clíticos Wackernagel, mas em outras línguas românicas os clíticos perderam completamente essa posição e parecem exclusivamente pró ou enclíticos ao verbo. Em PE, há uma proibição absoluta de clíticos em início de sentença - Lei de Tobler Mussafia.

A peculiaridade final dos clíticos portugueses é sua possível interação com marcadores temporais. Os verbos nas formas de futuro do presente e do pretérito podem ter intervenção de clíticos entre o radical verbal e os afixos de tempo/aspecto. O mesmo comportamento pode ser observado nas formas auxiliares dos tempos compostos, conforme os verbos *levar* e *ter* em (44a) e (44b):

(44a) *levá-lo-ei levá-lo-ia*

(44b) *tê-lo-ei levado tê-lo-ia levado*

Aqui, as regras de posição do clítico são definidas não em termos de estrutura superficial de constituinte, mas de um hospedeiro definido lexicalmente.

Numa tentativa de definir o que é clítico, SPENCER (1991) reforça que:

- podem ou não ter uma forma plena correspondente;
- podem ou não ser restritos a uma posição particular na sentença ou a uma categoria lexical;
- podem ou não provocar alomorfias irregulares fonologicamente.

Esse estudioso distingue dois tipos básicos de clíticos, se levarmos em conta os casos de palavras relativamente não problemáticas que têm formas reduzidas como resultado de regras regulares de fonologia frasal:

- clítico que parece ter a mesma função morfossintática que palavras plenas;
- clítico que não parece corresponder a uma palavra plena.

2.2.3.2 – Klavans

KLAVANS (1982; 1985), próximo autor que se refere a clítico numa abordagem morfossintático-fonológica, argumenta que é possível uma teoria unificada de cliticização com certas restrições: através de parametrização de clíticos, que pode variar de língua para língua ou ainda uma mesma língua pode exibir parâmetros diferentes.

Assim, esse autor (1985) considera clíticos itens lexicais com suas próprias propriedades morfossintáticas e morfofonológicas, incluindo categoria sintática e estrutura de subcategorização. São subcategorizados para se unirem sintaticamente a uma frase de qualquer tipo e não possuem liberdade das palavras “reais”, devem mostrar *liaison* com alguma outra palavra – sua hospedeira.

Também assume que os clíticos das línguas não são gerados da mesma forma; são fatos particulares de cada uma e podem ter um hospedeiro fonológico e outro sintático independentes, isto é, não há correlação necessária entre a direção do vínculo sintático do clítico e a direção da cliticização fonológica. Para ele, clítico é um afixo frasal, diferente dos afixos de palavras. Semanticamente são parecidos com palavras e seu significado é como o esperado de uma palavra plena.

Contudo, este autor estabelece restrições à posição do clítico na estrutura arbórea e aponta três parâmetros que restringirão os possíveis clíticos:

- P1: dominância (inicial/final);
- P2: precedência (antes/depois);
- P3: *liaison* (proclítico/enclítico).

Tais parâmetros são decodificados na estrutura de subcategorização lexical dos clíticos. P1 e P2 são parâmetros sintáticos e P3 é fonológico.

Quanto ao domínio de cliticização¹⁶ é S ou N'; apenas as línguas românicas têm o domínio V com o traço [tempo] afetando sua posição clítica, isto é, mesma forma clítica pode estar antes ou depois do verbo dependendo do tempo ([+ tempo] ou [- tempo]).

Segundo tal autor, a característica das línguas românicas (de ter V, e não V', como domínio relevante) mostra uma mudança de subcategorização indicadora de que seus clíticos estão se tornando afixos.

Além disso, Klavans considera fator importante para uma sentença ser bem-formada que qualquer clítico ocorra após o constituinte inicial sob a Sentença (2ª posição - Lei Wackernagel) e que se una fonologicamente a um hospedeiro, embora afirme que não há definição criteriosa sobre o que se descreve ou não se qualifica como clítico. Isso porque considera que, apesar de tudo, há tendências gerais e traços típicos que podem caracterizá-lo.

Interessante observar que este autor, quando estipula o parâmetro 3, seleciona duas posições - proclítica ou enclítica - para os clíticos. Disso surge um questionamento: "Onde fica a tradicional 'mesóclise' do português nesta análise, se não há uma posição hospedeiro-clítico-sufixo?"

Segundo Klavans, contrário a ZWICKY (1977), não há clítico entre hospedeiro e sufixo, conforme aparenta o português, turco e beja; há, sim, ênclise do complexo clítico/sufixo.

¹⁶ *Domínio de Cliticização*: nó é seu domínio se a posição sintática do clítico é determinada em relação aos constituintes imediatos do nó designado. Seu domínio é constante, o que pode alterar é o nó escolhido por P1.

2.2.3.3 – Zwicky

ZWICKY (1985) considera dois tipos de clíticos:

- clítico simples: forma ditada pela frase fonológica que pode ser afetada pelo ritmo da fala e nível de formalidade;
- clítico especial: alomorfe separado da forma plena da palavra. Este não é derivado de forma plena por meio de processos de redução de frase fonológica – não depende de fatores como ritmo de fala.

Embora Zwicky não proponha uma caracterização unificada de cliticização, aborda uma série de testes fonológicos, morfológicos e sintáticos para se distinguir clíticos de palavras plenas, conforme a seguir. Retomando abordagem de NESPOR e VOGEL (1986), percebemos que os testes fonológicos propostos por ZWICKY (1985) são por elas corroborados.

Testes fonológicos:

- os clíticos formam com uma palavra plena uma palavra fonológica;
- regras de sândi interno aplicam-se dentro de palavras fonológicas, assim envolvem clíticos; e regras de sândi externo aplicam-se entre palavras fonológicas, logo, não envolvem clíticos;
- os clíticos são acentuadamente dependentes e as palavras plenas são independentes.

Testes usando similaridade entre afixos flexionais e clíticos:

- os clíticos distinguem-se de palavras plenas, assemelhando-se a afixos (flexionais): estão ligados a uma palavra plena, mantêm combinações de

afixação/cliticização, possuem distribuição simples, ordem adjacente ao hospedeiro, habilidade de se combinarem com palavras simples e não são morfologicamente complexos (raramente possuem dois ou mais morfemas).

Testes sintáticos:

- numa combinação $x+y$, se um dos elementos é *apagado sob identidade*, ambos são palavras plenas; caso contrário, clítico;
- numa combinação $x+y$, se um dos elementos pode ser substituído, ambos são palavras plenas; caso contrário, clítico;
- numa combinação $x+y$, se um dos elementos pode ser movido sem o outro, ambos são palavras plenas; caso contrário, clítico.

Como observação final, ZWICKY afirma que, na ausência de evidência clara de se um elemento é clítico ou palavra plena, é melhor admitir ser palavra. Estes testes propostos por ZWICKY (1985) para classificar um elemento como clítico ou palavra plena serão também utilizados posteriormente para averiguar o *status* da forma *cê*.

2.2.3.4 – Galves e Abaurre

Numa última proposta, GALVES e ABAURRE (1996) postulam que os clíticos, devido à sua natureza híbrida, estão localizados nos limites da sintaxe e da fonologia. Assim como SPORTICHE (1992; 1993; 1995), estas autoras distinguem clíticos sintáticos e clíticos fonológicos: comungam a postura de que os clíticos fonológicos nem sempre são clíticos em sintaxe (ex. pronome sujeito *je* em francês, segundo RIZZI (1986)). Mas, o inverso é

necessário. Portanto, consideram a cliticização fonológica um fenômeno mais amplo, e não inteiramente condicionado pela sintaxe.

Para Galves e Abaurre os clíticos são formas que se apóiam em um constituinte acentuado adjacente em razão de serem fonologicamente fracas (não portadoras de acento primário), estando sujeitas a reduções fonológicas.

Sintaticamente, propõem que clítico pronominal é núcleo de um sintagma, contrapondo-se a palavras plenas que representam XP, mas, fonologicamente, é considerado parte integrante da palavra plena em que se hospeda.

Sintetizando estas abordagens feitas ao fenômeno de cliticização, segundo vários autores, propomos o quadro (3) da próxima subseção.

2.2.4 – SÍNTESE das Propostas para Clíticos

O quadro (3) a seguir visa à sistematização do fenômeno de cliticização, segundo os autores a que nos remetemos anteriormente. Percebemos que não há uma unidirecionalidade nas propostas, pois a cliticização é abordada segundo três prismas: exclusivamente sintático; fonológico; e misto.

QUADRO 3 – Síntese das propostas para clíticos

Propostas	
Abordagem sintática	
Literatura transformacional	<p>Objetos clíticos estão em distribuição complementar com objetos NPs plenos; clítico em Romance é adjungido ao V lexical e o complexo todo contém categoria V, podendo ser elevado de sua posição inicial.</p> <p>Análises divergentes para a categoria vazia surgida com a elevação:</p> <p>a) Aoun: clítico ocupa posição não-argumental; b) Borer: clítico assume posição argumental do NP, mas não absorve Caso; c) Jaeggli: clítico assume posição argumental do NP, absorve Caso e <i>cv</i> deve ser <i>pro</i>.</p>
Kayne	Sua análise para os clíticos é a mesma da literatura transformacional. Propõe testes sintáticos para atestar o caráter clítico de uma forma.
Sportiche	<p>Este autor não opta pela análise de que clítico substitui NP(DP), nem por movimento de clíticos ou que clíticos são gerados em posição artificial.</p> <p>Para ele, clíticos ocorrem adjungidos ao elemento mais alto da oração que contém XP e clíticos pronominais de sujeito não são clíticos sintáticos, apenas clíticos fonológicos, que assumem a posição de núcleo de NP e não de DP.</p>
Abordagem fonológica	
Nespor e Vogel	Clíticos nunca ocorrem sozinhos e não podem receber acento contrastivo. As autoras corroboram três testes fonológicos de Zwicky.
Abordagem mista	
Spencer	<p>Clíticos atam-se fonologicamente a hospedeiros, são incapazes de receber acento (exceto grego) e sua posição depende da acentuação da sentença ou fatores prosódicos similares. Atam-se mais a um elemento prosódico que a um sintático, podendo ser de dois tipos:</p> <p>a) aqueles que parecem ter a mesma função morfossintática que palavras plenas; b) aqueles que não parecem corresponder a formas plenas.</p>
Klavans	<p>Propõe uma teoria unificada-parametrização dos clíticos: P1(dominância): inicial/final; P2(precedência): antes/depois; P3(<i>liaison</i>): próclise/ênclise (P1 e P2 são parâmetros sintáticos e P3 fonológico).</p> <p>Clíticos podem ter um hospedeiro fonológico e um sintático independentes. Domínio da Cliticização: S ou N' (exceto para línguas românicas cujo domínio é V).</p>
Zwicky	<p>Considera dois clíticos:</p> <p>-clítico simples: forma ditada pela frase fonológica;</p> <p>-clítico especial: forma alomorfe separada da forma plena, que não é derivada de processos de redução de frase fonológica.</p> <p>Propõe testes fonológicos e sintáticos para se distinguir clítico de palavra independente.</p>
Galves e Abaurre	Distinguem clíticos sintáticos e fonológicos, sendo estes mais amplos que aqueles e não totalmente condicionados pela sintaxe. Clíticos sintáticos são núcleos de sintagmas e os fonológicos são parte integrante da palavra em que se ancoram.

Pelo exposto nesse quadro (3), percebe-se que há abordagens para cliticização que sugerem que tal fenômeno é provavelmente para ser analisado como um fenômeno sintático, mas algumas reforçam a necessidade de uma operação fonológica e morfológica para seu desvendamento.

Essa literatura teórica possibilita o surgimento de outros questionamentos:

- Será que a forma *cê* se enquadra nos parâmetros determinados para os clíticos?

Quais as suas características? Será que esta forma é realmente um clítico sintático?

Também estas indagações surgidas a partir da literatura sobre clítico nos instigam à checagem do *status* clítico de *cê*, mas esta análise fica para o próximo capítulo. Na seção que segue visitamos a literatura prosódica.

2.3 – FONOLOGIA PROSÓDICA

O fato de propormos que *cê* não é clítico, mas palavra plena que pode sofrer alteração de seu acento no nível frasal, conseqüentemente, caracterizando-se como fenômeno prosódico, requer uma visita à teoria da Fonologia Prosódica para reavivar seus preceitos principais, os quais, além da teoria da cliticização, também servirão de suporte para o presente estudo.

Desenvolvida como reação contra os conceitos de fonologia gerativa padrão, que tinha como características uma organização linear de segmentos e um conjunto de regras cujos domínios de aplicação eram definidos segundo uma interface sintaxe e fonologia (sistema fonológico homogêneo), a Fonologia Prosódica – teoria da interação entre fonologia e os demais componentes da gramática (sintaxe, morfologia e semântica) –, propõe que a

representação mental da fala é dividida hierarquicamente em *chunks* organizados e cada constituinte prosódico serve de domínio de aplicação de regras fonológicas específicas, além de obter diferentes tipos de informação fonológica e não-fonológica, não necessariamente isomórficos, na definição de seus domínios.

Este modelo propõe que alguns fenômenos fonológicos dependem de sua relação sintática, morfológica e/ou semântica para operarem e lida com regras de mapeamento que agrupam os elementos terminais de um nó, criando unidades que não necessariamente estão em uma relação um-a-um com os constituintes da hierarquia morfossintática. Tais unidades constituem os domínios de aplicação de regras fonológicas que fazem uso de diferentes tipos de noções gramaticais em cada nível da hierarquia.

Também assume que diferentes tipos de fenômenos se referem à hierarquia prosódica: inclui não apenas processos fonológicos, mas também fenômenos rítmicos, duracionais, entoacionais e de proeminência, podendo haver discordância entre estrutura fonológica e morfossintática. Isto é, enquanto a estrutura sintática é fixa, a estrutura fonológica pode variar de acordo com fatores como velocidade de fala, extensão (tamanho) dos constituintes prosódicos.

Na Fonologia Prosódica, embora seus domínios prosódicos sejam considerados universais, a informação que está incluída na construção de cada domínio pode variar, uma vez que é parcialmente definida segundo as bases de uma língua particular.

Os dois primeiros constituintes da hierarquia prosódica (σ e Σ) são definidos apenas por critérios fonológicos e, à medida que se sobe na hierarquia, as regras de mapeamento vão incorporando informações morfológicas (ω), sintáticas (C, ϕ, I e U), semânticas (I e U) e discursivas (U).

São sete os constituintes da hierarquia prosódica, segundo NESPOR e VOGEL (1986):

- discurso fonológico (U)
- frase entoacional (I)
- frase fonológica (ϕ)
- grupo clítico (C)
- palavra fonológica (ω)
- pé (Σ)
- sílaba (σ)

É importante salientar que, embora NESPOR e VOGEL (1986) especifiquem sete constituintes prosódicos, há controvérsia quanto à existência do Grupo Clítico, conforme dito anteriormente. Por exemplo, VIGÁRIO (2001), BOOIJ (1996) e INKELAS (1987), além de outros, não vêem motivos para a sua existência. VIGÁRIO (2001) apresenta até mesmo razões para assumir que não é um constituinte prosódico e enquadra o clítico como pertencente à palavra fonológica.

Assumindo que o grupo clítico não é um constituinte prosódico, clíticos fonológicos devem unir-se a itens que correspondem a um outro domínio prosódico. Assim, “quais os hospedeiros prosódicos possíveis para o clítico?” A literatura cita a palavra fonológica, a frase fonológica e a frase entoacional. Mas o que se percebe é que o hospedeiro do clítico corresponde mais comumente a palavras fonológicas.

VIANA (1987), p.e., assume que clíticos pronominais são parte da palavra fonológica quando unidades entoacionais são construídas.

Neste caso, é necessário uma combinação clítico + hospedeiro (possuidor de acento primário), através da reestruturação, para formar uma ω . Para esta análise, também é

importante considerar que o domínio da palavra fonológica pode ser maior que o nó sintático terminal.

Há duas grandes abordagens ao mapeamento fonologia-sintaxe na literatura: abordagem baseada em bordas (SELKIRK: 1986) e a abordagem baseada em relação (NESPOR e VOGEL: 1986). A diferença principal está na natureza da informação sintática a que as condições de mapeamento são sensíveis: na primeira, à margem direita ou esquerda de uma dada categoria; e na segunda, à relação entre cabeça e constituinte adjacente.

Contudo, INKELAS e ZEC (1995) sugerem que não apenas há línguas sensíveis a uma ou outra abordagem, mas há também domínios que parecem ser baseados nas bordas e domínios baseados na relação.

Uma ou outra abordagem não afetará esta análise, mas preferimos nos limitar a quatro constituintes da hierarquia prosódica (palavra fonológica (ω), grupo clítico (C), frase fonológica (ϕ) e frase entoacional (I)) que acreditamos interferirem neste estudo, considerando o C , mesmo que estudiosos o descartem.

2.3.1 – CONSTITUINTES prosódicos

Como hipotetizamos que velocidade e estilo da fala, além de aspectos semânticos, favorecem a alternância do padrão acentual da palavra plena *cê*, faz-se necessário descrever os constituintes prosódicos (ω , C , ϕ e I) que se envolvem nesses tipos de informações e o foco na concepção prosódica. As próximas subseções objetivam isso.

2.3.1.1 – Palavra fonológica

Para investigar se a forma *cê* é palavra plena segundo a Fonologia Prosódica, precisamos conhecer as propriedades do constituinte prosódico palavra fonológica, pois palavra plena está relacionada à ω : ambas são possuidoras de um único acento primário.

Este constituinte prosódico é construído segundo a base de regras de mapeamento, que fazem uso de noções não-fonológicas e representa, em particular, a interação entre componentes fonológicos e morfológicos da gramática, isto é, há um reagrupamento dos elementos terminais da estrutura morfológica de tal forma que as unidades resultantes não necessariamente correspondem a qualquer constituinte morfológico (NESPOR e VOGEL: 1986).

Esta categoria imediatamente domina o pé prosódico, pois todos os pés devem ser agrupados em ω s. Pelo motivo de cada pé estar incluído em uma ω e nunca haver casos em que um único pé pertença a palavras fonológicas diferentes, cada palavra fonológica possui um só acento primário (VIGÁRIO: 2001).

A presença de acento de palavra está correlacionada à ocorrência de outros fenômenos fonológicos, tais como marcação de acento tonal e acento focal. Esses fenômenos podem produzir sustentação adicional para o *status* de palavra fonológica de um dado constituinte, segundo VIGÁRIO (2001).

Para alguns lingüistas (p.e. BOOIJ: 1983), há três possibilidades básicas para o domínio da palavra fonológica, ou seja, ela é mais ampla, menor ou igual ao elemento terminal de uma árvore sintática. NESPOR e VOGEL (1986) focalizam apenas as duas últimas possibilidades.

Uma palavra fonológica tem um tamanho mínimo em muitas línguas: deve ser pelo menos dissílaba ou bimoraica, embora isto não seja válido para todas as línguas. Para o

irlandês, conforme GREEN (1997), *apud* HALL (1999b), e para o Português Brasileiro (PB), seu tamanho é irrelevante. Em PB, há *ôs* formadas por palavras monossilábicas acentuadas de acordo com BISOL (2000).

Exemplos de palavras monossílabas acentuadas em PB:

(45) *dê, pé, tu, ri...*

HALL (1999a) faz uso da presença de “foco”, na análise da língua alemã, como um teste para a identificação de *ôs*.

2.3.1.2 – Grupo clítico

Por ser analisada como clítico por alguns estudiosos, precisamos investigar se há possibilidade da forma *cê* assim ser classificada atualmente; em caso afirmativo, deverá estar ancorada pelo seu hospedeiro e enquadrada, prosodicamente, dentro deste constituinte (para aqueles que o consideram, é claro!).

O grupo clítico é um constituinte prosódico que possui um comportamento problemático devido à sua natureza híbrida: a relação hospedeiro e clítico não é considerada como sufixação e nem justaposição de elementos independentes. Possui característica externa dos sufixos, quando não afeta a localização do acento de seu hospedeiro, e impressão interior de composição, quando afeta a posição do acento primário da palavra hospedeira e desloca-o para a sílaba precedente ao clítico.

De acordo com HAYES (1989), o grupo clítico diretamente domina uma ou mais palavras fonológicas e é dominado pela frase fonológica, próxima categoria da hierarquia prosódica. Este domínio, além de ser o nível prosódico que representa o mapeamento entre os

componentes fonológicos e sintáticos, une um clítico com a categoria lexical, que é sua hospedeira. A escolha de uma palavra hospedeira à direita ou à esquerda de um clítico é determinada pela estrutura sintática – posição proclítica ou enclítica.

2.3.1.3 – Frase fonológica

A análise proposta por (VITRAL, 2002:163-164) considera, em construções que investiga, o verbo como hospedeiro do clítico sintático *cê*. Mas, se clítico sintático também é clítico fonológico (SPORTICHE: 1995; GALVES e ABAURRE: 1996) esta proposta se torna problemática porque em português há fronteira de frase fonológica entre sujeito e predicado (SÂNDALO: [2002]); logo, esta análise parece não se justificar já que a forma *cê* e o verbo (seu suposto hospedeiro) pertencem a frases fonológicas distintas – ou seja, o verbo não pode ser o hospedeiro de *cê*.

Este constituinte prosódico, frase fonológica, localiza-se acima da palavra fonológica, segundo VIGÁRIO (2001), e agrupa uma ou mais palavras fonológicas; em línguas cujo lado recursivo é à esquerda da cabeça, esse constituinte se estenderá à direita. Suas regras se aplicarão entre a cabeça de uma frase e o que lhe segue e são do tipo definidas pela teoria X- barra, podendo passar por reconstrução, desde que respeitadas determinadas condições. Numa tentativa de eliminar ϕ não-ramificada, propõe-se a reconstrução através da união de uma frase fonológica não-ramificada - 1º complemento de X em seu lado recursivo – com uma ϕ que contém X.

Seu domínio é de aplicação de inúmeras regras e de ajustamento rítmico, importante para o processamento da fala. Também faz uso de noções sintáticas; e seu nó mais à direita é classificado de forte, os demais são fracos.

2.3.1.4 – Frase entoacional

Ao considerarmos que a forma *cê* é uma palavra plena que assume padrões acentuais alternantes na frase e supomos que velocidade de fala, estilo e informações semânticas influenciam este fenômeno, observamos que além da frase entoacional ser o primeiro elemento da hierarquia prosódica que possibilita e permite esta flexibilidade, é o nível prosódico dominado por estas informações, que consideramos influenciar a alternância proposta.

Segundo NESPOR e VOGEL (1986), a frase entoacional localiza-se acima da frase fonológica e constitui-se de uma ou mais frases fonológicas. Este constituinte tem sua proeminência marcada de forma diferente dos constituintes abaixo dele, pois enquanto para os outros é possível especificar a posição do nó forte, na *I* essa posição pode variar. Além de ser determinado estruturalmente, seu nó forte é determinado por informações semânticas como foco e informação dada *versus* informação nova.

Como a *I* é o domínio do contorno entoacional, que pode ter seu número afetado por fatores sintáticos básicos, fatores semânticos relacionados à proeminência e fatores de desempenho como velocidade de fala e estilo, além de seu fim coincidir com posições em que pausas podem ser introduzidas na sentença, a definição de seu domínio permite variabilidade na sua organização (não necessariamente isomórfica a constituintes sintáticos). Essa variabilidade ocorre nas reconstruções, que são favorecidas por fatores como tamanho da *I*, ritmo de fala, estilo e proeminência contrastiva, embora não sejam predizíveis.

Há certas construções que formam seu próprio domínio entoacional: expressões parentéticas, orações relativas não-restritivas, *tag questions*, vocativos, expletivos e certos elementos movidos.

Uma longa *I*, talvez por razões fisiológicas (capacidade de respiração), pode ser reestruturada em *I*s menores, mas para tais autoras a reconstrução deve seguir algumas restrições:

- reestruturação deve ocorrer na junção de duas ϕ s;
- há tendência em evitar *I*s muito curtas e de tamanhos variados; prefere-se que seu tamanho seja médio e uniforme;
- reestruturação deve ocorrer no fim de um NP, embora se evite separar NPs que representem argumento obrigatório, e no começo de uma nova sentença, desde que esta divisão não interrompa um NP.

Porque listas e construções complexamente encaixadas possuem padrões entoacionais particulares, geralmente suas divisões violam os princípios acima, razão de serem consideradas casos particulares de reconstrução de *I*: em uma seqüência de mais de dois constituintes do mesmo tipo, uma quebra entoacional pode ser inserida antes de cada repetição do nó X.

2.3.2 – FOCO na prosódia

Informações semânticas como o foco relacionadas ao fato de apenas palavras que possuem acento de palavra poderem apresentar esta característica focal são suportes teóricos que respaldarão nossa análise no próximo capítulo, já que *cê* assume esta posição, conforme veremos posteriormente. Logo, esta literatura deve ser investigada.

Segundo FROTA (1998), a literatura oferece-nos dois tipos de foco: o foco amplo, possuidor de acento normal ou não-marcado, e o foco restrito, possuidor de acento marcado, cada um com suas características específicas. Assim, temos:

- foco amplo: a) carrega nova informação; b) seu acento é normal ou não-marcado e c) ocorre em contextos específicos (narrativas, estruturas de listas, respostas ao que aconteceu...)

(46) *Mas, o que está acontecendo aqui?*

- *Apenas uma festa de aniversário, querida.*

A nova informação contida na resposta em (46) não possui acento marcado, isto é, sua pronúncia não enfatizou nenhum elemento da sentença.

- foco restrito: a) pode introduzir nova informação, mas focaliza contraste ou identificação; b) seu acento é marcado e c) restringe-se ao contexto específico de respostas ou réplicas.

(47) *Mas, o que ocês fizeram aqui?*

- ***Eu** não fiz nada, já **sua irmã** ...*

Na resposta em (47), o sujeito *eu* possui acento marcado em contraste com o sintagma *sua irmã*, em razão da intenção do falante de, ao introduzir a nova informação, enfatizar sua não participação no ocorrido em oposição à participação do 2º sujeito do período.

A literatura aborda o conceito de foco sob três correlatos: um correlato fonológico, um semântico e/ou pragmático e um sintático. Os autores podem diferir na escolha de um ou outro, baseados no ângulo de abordagem que darão ao fenômeno focal, contudo os diferentes ângulos parecem ter um ponto comum: o aspecto fonológico.

Num prisma prosódico, ainda segundo FROTA (1998), o foco tem sido abordado de duas formas: a) visão fonética: descreve o fenômeno em termos de F_0 e às vezes envolve duração e intensidade, enfatizando o detalhe fonético. Trabalho experimental e instrumental; b) visão fonológica: os constituintes focalizados na sentença estão na estrutura fonológica e são abordadas questões de distribuição de acento tonal, proeminência relativa e sintagmas frasais. Estrutura da *I* e acento tonal são considerados aspectos cruciais para foco, embora esteja incluído entre as informações (sintático –semânticas) acessadas pela ϕ .

Enfim, com esta visão geral das teorias expostas neste capítulo dois, podemos iniciar o próximo capítulo que, conforme dito anteriormente, não apenas expõe a abordagem que considera a forma *cê* como clítico, como também a discute, relata a distribuição fonológica de *você/ocê/cê* e faz uma checagem da classificação atual de *cê* através de testes identificadores de clíticos. Posteriormente, estende-se a abordagem deste fenômeno, mas segundo a Fonologia Prosódica.

CAPÍTULO 3

SOBRE O ESTATUTO DE *CÊ*

Neste capítulo, vamos expor as propostas segundo as quais a forma *cê* deve ser interpretada como um elemento em processo de gramaticalização, mais especificamente em fase inicial de cliticização (VITRAL: 1996, 2001a, 2001b, 2002; VITRAL e RAMOS: 1999). Além disso, vamos discutir tais propostas, bem como descrever a distribuição fonológica de *você/ocê/cê* e os resultados de alguns testes (KAYNE: 1975; ZWICKY: 1985) utilizados na tentativa de verificar se a forma *cê* é clítico (sintático e/ou fonológico) ou palavra plena; finalmente, vamos propor uma análise prosódica de sentenças contendo essa forma, com base na qual buscamos defender que a forma *cê* é uma palavra plena que pode sofrer alternância acentual na frase entoacional.

3.1 – PROPOSTA DA FORMA *CÊ* COMO CLÍTICO

A proposta de VITRAL (1996), fundamentada na noção de gramaticalização, que se refere à parte dos estudos da língua que analisa o processo por meio do qual os itens se tornam mais gramaticais através dos tempos, focalizando como formas e construções gramaticais surgem e como são usadas (HOPPER e TRAUGOTT: 1993), é de que *cê* comporta-se como clítico pronominal sintático com especialização na posição sintática de sujeito pré-verbal. Esse estudioso defende que *cê* passa por uma das etapas desse processo de gramaticalização: a cliticização¹⁷.

¹⁷ Segundo HOPPER e TRAUGOTT *apud* VITRAL e RAMOS (1999), a etapa de cliticização apresenta duas propriedades: perda de autonomia lexical (dependência contextual) e significação mais geral.

Segundo essa abordagem, um elemento lexical que passa por esse processo de gramaticalização apresenta perda de expressividade e enfraquecimento da forma fonológica e do significado lexical, podendo tornar-se cada vez mais gramatical. E VITRAL (1996) analisa a forma *cê* por esse aspecto em razão de, segundo suas transformações ocorridas ao longo do tempo, ter sido um pronome lexical (*Vossa Mercê*) e de hoje se apresentar como forma gramatical.

Apresenta-nos os seguintes estágios pelos quais passou o atual pronome *você*: o item lexical *Vossa Mercê* passou a item gramatical *você*, que por sua vez se transformou no clítico *cê*, podendo posteriormente atingir o *status* de afixo flexional, conforme representa (48)¹⁸:

(48) item lexical: *Vossa Mercê* > item gramatical: *você* > clítico: *cê* > afixo flexional¹⁹

Ou seja, *cê* é um clítico do pronome pleno *você* – uma forma gramatical dependente de um elemento hospedeiro.

RAMOS (1997: 57), em seu estudo variacionista, concluiu que essa proposta de cliticização da forma *cê* se mostrou adequada em vários momentos, principalmente quando (...) é favorecida pelas interrogativas...

Trabalhos de VITRAL posteriores a 1996 confirmam sua análise de cliticização, mas o estudioso, diante da constatação de que entre *cê* e o verbo pode haver elementos interpolados (grande maioria dos casos, conforme o próprio VITRAL), percebe que essas interpolações (não adjacência estrita entre clítico e hospedeiro) constituem um problema, que de certa forma enfraquecem sua posição, uma vez que os clíticos atuais não apresentam essa

¹⁸ Há formas intermediárias entre as etapas descritas em (48): *vosmecê* entre a 1ª e a 2ª etapas; *ocê* entre a 2ª e 3ª etapas.

¹⁹ Essas etapas descritas foram extraídas de VITRAL (1996).

característica, pois as interpolações deixaram de ser produtivas no português a partir do séc. XIX²⁰.

Porém, considerando as construções pronominais átonas do português no período medieval, as quais ocorriam recorrentemente interpoladas²¹ (VITRAL: 2001; 2002), conforme exemplos (49) e (50) abaixo, esse estudioso propõe que a cliticização é um processo - inserido no processo mais amplo de gramaticalização - e que *cê* se encontra em seu estágio inicial, o que justificaria sua ocorrência interpolada.

(49) *que se adeãte segue. –1355*²²

(50) *que sse ñõ deue a estender esse maravedi. –1296* (negrito nosso)

Os clíticos medievais não possuem apenas esta característica de interpolação; exibem também o fenômeno de 2ª ou até mesmo 3ª posição, pois *no período medieval, clíticos nunca ocorriam na 1ª posição na oração* (VITRAL, 2002:184).

(51) *que as Ao dicto Monsteiro deuiâ Alguas pessoas. –1357*

(52) *o quall pardieiro **lhe** logo enprazarõ. –1494* (negrito nosso)

Estes exemplos (49-52) demonstram que os clíticos pronominais desse período admitem interpolação, pois possuem elementos intercalados entre o clítico e o verbo de cada sentença, e que seguem a Lei de Wackernagel, não ocupando a 1ª primeira posição em uma sentença.

²⁰ MARTINS (1994) constata que no período clássico há um aumento no uso de formas estruturais sem interpolação. A partir do século XVII, a interpolação de **não** continua a registrar-se, enquanto de outros constituintes desaparece.

²¹ Ocorrendo apenas em caso de próclise, os elementos interpolados entre clítico e verbo, neste período, eram sintagmas nominais, pronomes, negação, advérbios e sintagmas preposicionados. Raramente se atesta interpolação de mais de um constituinte (MARTINS, 1994:161).

²² Dados (49) a (52) foram extraídos de MARTINS (1994) *apud* VITRAL (2002).

Nesse mesmo trabalho, Vitral também aborda o emprego mais recente de *cê* como indeterminador de sujeito (ALVES: 1998). Em (53a) e (53b), por exemplo, as sentenças significam que “as pessoas em geral ou qualquer pessoa necessitam do estudo para conseguir vencer na vida”, sendo este valor indeterminado atribuído por *cê/você*, sujeitos das orações principais dos períodos.

(53a) Hoje, cê tem que estudá pra conseguir vencer na vida.

(53b) Hoje, você tem que estudá pra conseguir vencer na vida.

Mas em seu trabalho anterior com RAMOS (1999), Vitral já havia citado a constatação de DUARTE (1997) do uso de *você* como expletivo e mesmo RAMOS (1997) havia constatado em BH um uso mais indefinido de *você*.

(54a) Em Kioto você tem aquela confusão nas ruas.

(55a) Em Buenos Aires você tem confeitarias.²³

Em VITRAL e RAMOS (1999), a forma *você* é considerada pronome expletivo (54a e 55a), não lhe sendo atribuído significado e nem referência, enquanto a forma reduzida é tida em um estágio anterior que caracteriza apenas perda de referência virtual.

Os autores equivalem as sentenças (54a) e (55a), respectivamente, a:

(54b) Em Kioto há aquela confusão nas ruas.

e

(55b) Em Buenos Aires há confeitarias.

²³ Dados (54a) e (55a) foram extraídos de VITRAL e RAMOS (1999).

Estas sentenças equivalentes indicam o uso do verbo *haver* com significado de *existir*, logo se trata de verbo impessoal. VITRAL estende esta consideração às sentenças (54a) e (55a).

VITRAL (2001b) acrescenta às suas investigações sobre *cê* uma análise acústica das suas características fonéticas - duração e intensidade - através do estudo de três formas selecionadas – *cê*, *Zé* e *se*. A tabela a seguir sintetiza a análise e nos permite avaliá-la:

TABELA 1 – Análise de intensidade e duração

Ambientes	parâmetros	Cê	Zé	Se
entre dois	I (dB)	36	41	33
segmentos átonos	D (m/s)	0,137	0,170	0,137
início de sentença	I (dB)	20	27	18
	D (m/s)	0,122	0,217	0,117
entre dois	I (dB)	23	26	20
segmentos tônicos	D (m/s)	0,156	0,196	0,134

Essa análise visou verificar se os aspectos duração (D) e intensidade (I) dessas formas reafirmam o caráter clítico de *cê*. O ambiente de ocorrências das formas foi controlado, conforme tabela acima, e os resultados evidenciaram que a duração e intensidade de *cê* são muito próximas de *se* e mais distante de *Zé*. Esta constatação permitiu que o autor agrupasse as formas em dois grupos: *cê/se* (clíticos) > *Zé* (forma tônica).

Ao se considerar a distinção entre clítico, forma fraca e forma forte defendida por CARDINALETTI e STARKE (1994) - e proporcionada através de critérios sintáticos, morfológicos, semânticos e fonéticos - VITRAL (2001b) deixa evidente, após aplicar essas propriedades em *cê*, que o fato desta forma ser projeção máxima e não núcleo,

conseqüentemente tem acento de palavra (característica de XP), exige ajustamentos em sua análise porque como clítico *cê* não pode ser analisada, se estes critérios forem levados em conta. Sua conclusão é que talvez seja forma fraca, mas considera que mesmo assim há argumentos para se classificar *cê* como clítico.

A proposta de VITRAL de que *cê* é clítico fundamenta-se nos seguintes dados analisados:²⁴

Pré-verbal:

(V)ocê pediu pra sair.

Cê

Pós-verbal:

Eu amo (v)ocê.

*cê

Posposto:

Foi (v)ocê o culpado.

*cê

Preposto:

(V)ocê, ele não viu.

*Cê

²⁴ Dados extraídos de VITRAL (2002).

Modificado por advérbio:

Só (v)ocê não consegue emprego.

*cê

Complemento de preposição:

Eu trouxe pra você.

pr'ocê.

*pracê.

Resposta:

- Quem ganhou?

- (V)ocê.

*cê .

Coordenação:

Ele e (v)ocê podem votar contra.

*Ele e cê podem votar contra.

Através da análise desses dados, VITRAL agrupa as formas pronominais *você/ocê/cê* em dois blocos. Identifica a ocorrência de a) *cê* em posição de sujeito pré-verbal; b) *você* e *ocê* nesta e em outras posições.

Em outras palavras,

cê > *você* ~ *ocê* (onde > = em oposição a)

Esses dados sustentam vários argumentos de sua proposta. A partir deles e de outros, Vitral alega que a forma *cê* a) especializou-se na posição de sujeito (pré-verbal), não ocorrendo em posições deslocadas (sentenças topicalizadas, focalizadas, sujeito posposto), nem sozinha em enunciados ou coordenada e modificada; b) é clítico sintático nominativo em estágio inicial, razão de surgir interpolada; c) caracteriza redução fonológica de *você*, que se tornou um item mais gramatical com o passar dos tempos, sofrendo enfraquecimento do significado lexical da forma fonológica; d) possui características fonéticas como duração e intensidade, de acordo com seus dados, muito próximas de *se*.

É importante salientar que, assim como VITRAL (1996) distinguiu a distribuição sintática de *cê* em relação a *você* ~ *ocê*, RAMOS (1997) e COELHO (1999) constataram que *cê* ocorre em frequência relativamente alta, destacando-se das demais formas, porém, numa abordagem variacionista.

Ramos, nesse seu trabalho, verificou em Belo Horizonte o motivo da variação *você/ocê/cê* respaldada num processo de especialização do pronome: a forma padrão *você* sendo usada mais frequentemente entre os mais velhos com interpretação indefinida e *cê*, forma não-padrão definida, conforme (56a) e (57a), respectivamente.

(56a) *No Brasil, você tem muita coisa interessante pra vê, mas precisa tê dinheiro...*

(57a) *Cê qué compra esse vestido, mãe?*

Entre os mais jovens, dá-se o contrário: preferência por *cê* com interpretação indefinida e *você*, forma definida, de acordo com os exemplos abaixo, respectivamente.

(56b) *No Brasil, cê tem muita coisa interessante pra vê, mas precisa tê dinheiro...*

(57b) *Você qué compra esse vestido, mãe?*

Por outro lado, COELHO (1999) analisou a influência de fatores lingüísticos e extralingüísticos na alternância de uso de *você/ocê/cê* na fala urbana e rural da região de São Francisco-MG; identificou, dentre estes fatores, os ambientes fonológicos que precedem tais formas: consoante, vogal e pausa, verificando que a forma *cê* ocorre preferencialmente antecedida de pausa e as demais formas, de vogal; constatou, também, que *cê* ocupa preferencialmente a posição sintática de sujeito (assim como as demais formas a preferem) e que nessa região não ocorreu a especialização dos pronomes *você/cê*, confirmada por RAMOS (1997) em Belo Horizonte.

Esse trabalho de COELHO e o fato de a literatura atestar que comportamento fonológico condiciona distribuição sintática nos conscientizaram da necessidade de observar o comportamento fonológico da forma *cê*. Assim, a próxima seção inicialmente abordará a descrição da distribuição fonológica do pronome *você* e suas formas alternantes *ocê* e *cê*; posteriormente, discutiremos os dados e análise acima expostos.

3.2 – DISCUTINDO A ANÁLISE DE CÊ COMO CLÍTICO

VITRAL (2001b) observa que, numa abordagem tradicional, *a atonicidade desses elementos (clíticos) condiciona a distribuição sintática deles, mas isso viria como uma consequência de serem átonos, que seria assim, o traço definatório desses itens* (parêntese nosso), assim, anterior à discussão de sua análise, reavaliaremos o comportamento fonológico de *cê* descrito por COELHO (1999), já que essa estudiosa incluiu em sua análise formas

combinadas. Essa consideração pauta-se no fato de que acreditamos que essa distribuição fonológica possa nos indicar alguma tendência desta forma e auxiliar na discussão.

3.2.1 – DISTRIBUIÇÃO fonológica de *você/ocê/cê*

Se a distribuição sintática é condicionada a aspecto fonológico, os ambientes fonológicos de *você/ocê/cê* nos indicarão sua propensão e servirão de base para comparar distribuição sintática e fonológica, além de colaborarem para a formação do quadro fonológico de *cê*, que será complementado posteriormente por outros aspectos. Posteriormente, será possível identificarmos a classificação de *cê*.

Para os propósitos desta subseção de análise da distribuição fonológica de *você/ocê/cê* foi tomada parte do *corpus* do trabalho variacionista de COELHO (1999) como material investigativo, desconsiderando-se suas formas combinadas (*docê/ducê (de+ocê)*, *procê/prucê/pucê (pra+ocê)*, *socê/sucê (se+ocê)*, *concê/cuncê/cucê (com+ocê)*, *quecê/quicê (que+cê)*, *socê (só+ocê)*) e *voceis*.

COELHO (1999) selecionou 24 informantes, 12 residentes na zona urbana e 12, na zona rural. Na composição de seus informantes também foram estabelecidas faixas etárias (1ª: entre 15 e 25 anos; 2ª: entre 26 e 49 anos; 3ª: entre 50 e 82 anos), sexo (12 mulheres e 12 homens), grau de escolaridade e classe social. Para se constituir o perfil de cada informante, foram considerados os seguintes fatores: sexo, idade, posição geográfica, classe social a que pertence, grau de escolaridade e ocupação²⁵.

O *corpus* selecionado é constituído de entrevistas orais gravadas, coletadas em estilo informal e espontâneas, em virtude da grande intimidade do entrevistador com os informantes, e transcritas adotando-se as normas do Projeto NURC/SP.

²⁵ Conforme quadro 7: Codificação e perfil social dos informantes, em COELHO (1999:48).

Assim, procedemos ao levantamento dos dados que nos interessavam no *corpus* e identificamos as ocorrências de *você*, *ocê* e *cê*, sem combinações. Os ambientes fonológicos precedentes considerados foram: V (vogal), P (pausa) e K (consoante), identificados por COELHO (1999). A partir daí, realizamos a nossa análise:

QUADRO 4 – Variáveis consideradas na análise

VOCÊ	(forma padrão)
OCÊ	(forma não-padrão)
CÊ	(forma não-padrão)

TABELA 2 – Variantes e frequência de ocorrência

<i>Variantes</i>	<i>Frequência de ocorrência</i>	<i>%</i>
Você	120	23
ocê	82	15
Cê	334	62
Total	536	100

Cê é a forma mais recorrente (62%) e vem seguida de *você* (23%) e *ocê* (15%). Tal condição de alta frequência fortalece, solidifica a variante *cê*; além disso, este resultado ratifica RAMOS (1997) e COELHO (1999).

TABELA 3 – Número de ocorrências total e de cada variante de acordo com ambiente fonológico precedente

	Total	Você		Ocê		Cê	
P	250	31	12.5	18	07	201	80.5
V	261	86	33	61	23	114	44
K	25	03	12	03	12	19	76
	Total	120	23	82	15	334	62
		Ocor.	%	Ocor.	%	Ocor.	%

Podemos dizer que de acordo com a tabela 3 acima:

A forma *cê* ocorre mais precedida de pausa; *você/ ocê* são mais recorrentes após vogal, confirmando novamente o resultado de COELHO (1999)²⁶.

Comparando-se as duas distribuições descritas (sintática e fonológica), podemos perceber que ambas são idênticas, apenas as motivações são diferentes:

- distribuição sintática:

cê > *você ~ ocê*

(posição sujeito pré-verbal) (posição de sujeito pré-verbal e em outras posições)

- distribuição fonológica:

cê > *você ~ ocê*

(precedida de pausa) (após vogal)

²⁶ Agradecemos a Maria do Socorro Vieira Coelho por ter cedido seu *corpus* para nova investigação.

É claro que essa distribuição fonológica nos indica que, por ser o elemento com maior frequência de uso, *cê* lidera todos os ambientes precedentes, mas sua maior ocorrência é antecedida de pausa. Portanto, *cê* ocorre preferencialmente como 1º elemento em sentenças, o que justifica sua distribuição sintática.

3.2.2 – DISCUSSÃO: A forma *cê* é clítico?

Para avaliar a proposta de que a forma *cê* é clítico, primeiramente, retomaremos o conceito do termo: clítico é a denominação do elemento que se ancora em um outro elemento (hospedeiro), podendo essa dependência ser sintática ou fonológica. E quando VITRAL propõe que *cê* é clítico, considera que essa dependência é sintática.

Inferimos do seguinte questionamento de VITRAL (2002:163)

...se *cê* é um clítico, ou se encontra num processo de cliticização, ocorreria, em orações (...) o fenômeno de interpolação, isto é, não adjacência estrita do clítico e do verbo devido à presença de constituintes...

que, se o clítico *cê* está agregado sintaticamente ao verbo, conseqüentemente, no nível fonológico, ambos elementos formam uma palavra fonológica ou grupo clítico, o que caracteriza uma dependência fonológica também.

E, fonologicamente, observamos que há construções em que *cê* parece depender acidentalmente de outro elemento, por exemplo:

(58) *Cê foi à festa?*

(59) *Cê é feliz?*

Levando em conta esse tipo de construção e os argumentos de Vitral, expostos anteriormente, aparentemente é possível se afirmar que *cê* é clítico sintático. E a dependência

fonológica considerada solidifica a análise de Vitral, já que estudiosos (por exemplo, GALVES e ABAURRE: 1996; SPORTICHE: 1995) consideram que todo clítico sintático é também um clítico fonológico.

No entanto, avaliaremos, a seguir, cada argumento desse estudioso com a finalidade de conferir o *status* de *cê*, comprovando/refutando sua análise.

Primeiro Argumento: especialização sintática da forma *cê* na posição de sujeito (pré-verbal).

Relacionamos esse argumento de especialização sintática da forma *cê* na posição de sujeito (pré-verbal) com a análise de COELHO (1999) e essa investigação variacionista constatou que a forma *cê* é mais **freqüente** em função de sujeito. O dado (60) confirma esse resultado.

(60) *Cê viu o filme.*

Porém, em COELHO (1999), fica também evidente que as formas *você/ocê* preferem essa mesma posição²⁷; logo, esta não é uma característica exclusiva da forma *cê*, sendo compartilhada por suas outras variáveis.

Além disso, esse ambiente sintático também pode ser ocupado por palavras lexicais. O dado (61) demonstra isso através da palavra plena “Catarina”:

(61) *Catarina foi à festa.*

Isso quer dizer que o fato de *cê* ocupar tipicamente esta posição sintática não é suficiente para classificá-la como clítico, ou seja, não se poderia considerar que *cê* se alocou

²⁷ A tabela 2 de COELHO (1999: 56) deixa evidente essa preferência sintática das formas *você/ocê/cê*.

na posição de sujeito para se realizar como clítico (posição propícia a clítico para se agregar ao verbo), já que palavras plenas podem ocupar este mesmo lugar.

Mesmo assim, buscamos confirmar essa especialização proposta por VITRAL, mas constatamos no Norte de Minas Gerais a ocorrência de *cê* em ambientes sintáticos não considerados (e até mesmo tidos como agramaticais) por VITRAL (2002), ambientes estes característicos de elementos fortes. Há emprego da forma de *cê*:

a) em posição pós-verbal:

(62) *Eu vi cê na festa ontem.*

b) posposto ao verbo:

(63) *Foi cê o culpado de tudo.*

c) preposto:

(64) *Cê, ele não viu nascer.*

d) coordenado com constituinte similar:

(65) *Cê e Pedro podem votar contra, eu não me importo.*

e) modificado por advérbio:

(66) *Apenas cê sabe como tudo aconteceu, mais ninguém..*

f) tópico:

(67) *Cês, eu acho que cês não passaram, não.*

g) foco contrastivo:

(68) - *Maria, nós vamos comprar esse livro.*

- *Cê vai, eu não. Eu já o conheço e não gosto nadinha dele.*

h) resposta:

(69) - *Pode deixar que vou resolver isso pra você.*

- *Cê??? (risos)*

Estes dados confirmam que a forma *cê* pode ocorrer em outras posições sintáticas (topicalizada, focalizada, sujeito posposto, complemento acusativo, coordenada a elemento tônico e modificada por advérbio), apesar da sua preferência pela posição nominativa, o que indica que *cê* não se especializou em uma posição.

Em razão dessa constatação, questionamos: “Será que, assim como os pronomes ‘eu’ e ‘ele’, que eram usados exclusivamente em posição de sujeito e que hoje têm emprego como complemento de verbo, *cê* não se enquadra timidamente e com poucas ocorrências na mesma situação?” Isso não explica a preferência, mas não exclusividade, de *cê* em ocupar a posição de sujeito (o mesmo se dando com suas outras variáveis, mas em proporções diferentes, de acordo com dados de COELHO (1999))?

(70) “*Compra isso pra eu de presente.*”

(71) “*Vi ele na festa.*”

(72) “*Cê num falô que não ia na festa? E cê tava lá ontem porque eu vi cê lá*”.

Em (70) e (71) temos exemplos claros de pronomes exclusivamente nominativos, *eu* e *ele* respectivamente, que passaram a ser empregados como complementos verbais; e (72) mostra a forma *cê* empregada como pronome nominativo e acusativo.

A preferência (sintática e fonológica) de *cê* – posição nominativa precedida de pausa –, não compartilhada por *você/ocê*, justifica até mesmo o fato de essa forma surgir coordenada a NP nominativo, como (65), desde que sendo o primeiro elemento da seqüência.

Também a alegação de VITRAL (1996; 2001a) de que a forma *cê* não pode figurar sozinha em um enunciado (necessidade de um hospedeiro) como outro fator para considerá-la clítico não é suficiente porque esta não é característica restrita aos clíticos; elementos que têm propriedades de palavras plenas também estão sujeitos ao mesmo tipo de fenômeno. Além disso, há ambientes em que esta forma aparece sozinha, desde que respeitados determinados padrões prosódicos, conforme emprego do item h) acima. Este aspecto será novamente abordado durante aplicação dos testes. Passemos ao segundo argumento.

Segundo Argumento: a forma *cê* é um clítico sintático em estágio inicial no processo de cliticização.

Segundo VITRAL (2002), a forma *cê* é um novo clítico que trilha os estágios iniciais do processo de cliticização, assemelhando-se aos clíticos do período medieval, ou seja, nesse período era recorrente a não estrita adjacência entre clítico e hospedeiro e, embora os clíticos atuais não compartilhem essa característica - exigem adjacência estrita ao seu elemento hospedeiro -, o mesmo ocorre com a forma *cê* já que entre esse elemento e o verbo, seu suposto hospedeiro, vários elementos podem ser intercalados.

Os dados atuais são indicadores de que *cê* admite interpolação, conforme atestam os exemplos (73 e 74) a seguir:

(73) *Cê nunca mais me chame assim, hein?*

(74) *Cê num tá feliz, né?*

Acontece que 1º) a opção pela não interpolação não era marginal no português medieval, (VITRAL: 2002). Há, mesmo em contextos favoráveis à interpolação, opção pela não interpolação. Os exemplos abaixo retirados de MARTINS (1994) atestam isso, porque possuem advérbios (elementos interpoláveis), que são favoráveis à ocorrência de interpolação, mas tal fenômeno não ocorreu nestes fragmentos.

(75) *como aqui se comtem. (1522)*

(76) *que não se Laura. (1510) (negrito e sublinhado nossos)*

No caso da forma *cê*, contudo, sabemos que, quando há elementos interpolados, esta opcionalidade não existe:

(77) *Cê já foi ao mercado?*

Já **cê foi ao mercado?*

Verificamos que sua interpolação é obrigatória (77), inclusive já mencionada por VITRAL (2002), e atinge até mesmo o nível oracional (78 e 79), em que se constata um grande distanciamento entre *cê* e o verbo do qual é o argumento externo:

(78) *Cê, que tá pra ganhá bebê e tem pressão alta, deve repousá bastante.*

Que tá pra ganhá bebê e tem pressão alta, **cê deve repousá bastante.*

(79) *Cê, que é filho de Deus, saberá o que fazer quando chegar a hora.*

**Que é filho de Deus, cê saberá o que fazer quando chegar a hora..*

Comparamos o fato de *cê* não admitir não interpolação, em ambientes em que há elementos interpolados, com o fato de os clíticos medievais admitirem essa não interpolação (embora preferissem a interpolação) concluímos que *cê*, na atualidade, não se encontra no mesmo estágio dos clíticos medievais senão compartilhariam também essa característica (o que não impede que isso venha a ocorrer).

Reforça-se ainda que, segundo a literatura, clítico ocorre contíguo ao seu hospedeiro, sendo a interpolação uma característica de palavras plenas. Então, o fato de surgir elementos interpolados entre *cê* e o verbo é indício de que nessas construções *cê* não é clítico; pode até o ser em determinadas construções, conforme análise de VITRAL (1996) e nossa referência anterior, mas em construções não interpoladas, porque nos casos em que ocorrem interpolações (e outros semelhantes) a forma *cê* é elemento forte. Essa característica de a forma *cê* surgir em interpolação levanta um questionamento: *Terá a forma cê status ambíguo dependendo do contexto, isto é, será elemento forte quando aparece em ambiente de interpolação e elemento fraco quando não há interpolação?* Acreditamos que não e propomos uma análise que consideramos mais adequada, conforme seção 3.3.2.

VITRAL (2002) também verificou que 2) apesar de *cê* admitir essa “interpolação”, não exhibe a segunda característica dos clíticos medievais: não ocorrência em 1ª posição. Pelo contrário, corroborando VITRAL, nossa análise fonológica atesta que *cê* ocupa, tipicamente, a posição precedida de pausa, isto é, a 1ª posição:

(80) *Cê num mudô, não?...Cê disse qui ele mora aonde?... cê falô é:...*

(81) *Cê tá feliz com o presente/ não tá?...*

Os dados (80) e (81) confirmam a ocorrência de *cê* em início de sentença; então, conforme constatação de VITRAL (2002), esta forma não segue as Leis de Wackernagel e de Tobler Mussafia como os clíticos medievais.

Esta característica de *cê* ocupar a 1ª posição em uma sentença corresponde aos clíticos atuais, que preferencialmente ocorrem proclíticos ao verbo (VITRAL: 2002), conforme descrição dos pronomes átonos do PB no capítulo dois e os exemplos abaixo:

(82) *Me dá um cigarro.*

(83) *Te devolverei a blusa amanhã.*

Mas se, segundo VITRAL (2002), a forma *cê* é clítico em estágio inicial, assemelhando-se aos clíticos medievais por compartilharem a propriedade de interpolação (semelhança parcial conforme discutimos acima, pois o seu emprego interpolado não é opcional quando aparecem elementos entre *cê* e o verbo, é obrigatório), então deveria também respeitar as leis que impedem sua ocorrência em 1ª posição, pois no período medieval os clíticos as seguiam.

Porém, o que se verifica em nossa língua é uma recorrência de construções semelhantes a (80) e (81) acima, que também constituem complicação para a hipótese de que a forma *cê* passa pelo estágio inicial de cliticização, pois elas não comungam uma das características básicas dos clíticos medievais: a não ocorrência em início de sentença.

Embora a cliticização não seja um fenômeno homogêneo (VITRAL, 2002:190), as características de *cê* impossibilitam se definir **um ponto no processo de cliticização** em que *cê* poderia se encontrar porque essa forma não se comporta como os clíticos medievais (ocorre tipicamente como primeiro elemento da sentença e a interpolação, quando surgem

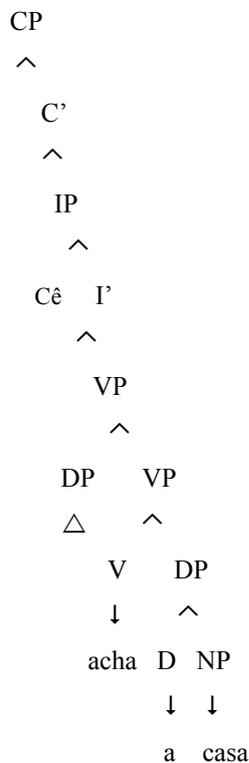
elementos, é obrigatória) e nem como os clíticos atuais (admite interpolação, quando surgem elementos entre ela e o verbo)²⁸.

Reunindo-se estas duas propriedades básicas de *cê*: não opcionalidade de interpolação (quando há elementos) e sua possível e preferencial ocorrência em início de sentença, verificamos quão complicado é analisar *cê* como clítico.

A proposta de VITRAL (2002), respaldada por FONTANA (1993; 1997), também considera que os **clíticos** no decorrer dos tempos passaram de projeção máxima XP (adjunto a IP), ao permitirem interpolação, para núcleo X^o (adjunto a I), ao não a permitirem.

Essa posição de VITRAL alicerça a análise de *cê* como clítico sintático em estágio inicial de cliticização já que esta forma assume posição de projeção máxima (84), de acordo com o próprio estudioso.

(84) *Cê acha a casa.*



²⁸ Mesmo sendo especulação, será que, tentando-se definir um ponto no processo de gramaticalização, a forma *cê* não estaria num período anterior ao medieval, já que neste período o fenômeno de interpolação entre os atuais pronomes oblíquos átonos e o verbo era variável (+/-) e no período contemporâneo é categórica a não-interpolação (-)? Levando-se em conta a Teoria Variacionista (LABOV, 1972), que prevê variação antes de mudança, será que antes do período medieval a interpolação entre esses elementos não era categórica (+)? Assim: (+) → (+/-) → (-)

Porém, questionamos essa consideração, pois numa perspectiva sintático-gerativista, clíticos sintáticos são núcleos de projeção máxima e não sintagmas (GALVES e ABAURRE: 1996; SPORTICHE: 1992), além de serem clíticos fonológicos. E mais: “Os atuais pronomes átonos eram realmente clíticos no período medieval (já que permitiam interpolação) ou trilhavam um estágio anterior à cliticização? Será que não foi a partir do período clássico, quando as interpolações começaram a desaparecer, que tais pronomes se tornaram clíticos?”

Consideramos que no período medieval, quando as interpolações eram recorrentes e preferenciais, os atuais pronomes átonos da Língua Portuguesa não eram clíticos, trilhavam possivelmente um estágio anterior do processo de gramaticalização.

Defendemos que no período clássico, período de transição dos atuais pronomes átonos de XP para X^o, tais pronomes sofreram cliticização quando passaram a núcleo de sintagma; até então não eram clíticos.

Portanto, os pronomes oblíquos desses exemplos do período medieval, assim como *cê*,

(49) *que se adeãte segue. –1355 (negrito nosso)*

(50) *que sse nõ deue a estender esse maravedi. –1296*

(51) *que as Ao dicto Monsteiro deuiâ Alguas pessoas. –1357*

(52) *o quall pardieiro **lhe** logo enprazarõ. –1494*

não são clíticos (núcleos), já que são projeção máxima e podem aparecer interpolados. Abordaremos, a seguir, o terceiro argumento.

Terceiro Argumento: o pronome *você*, com o passar dos tempos, sofreu redução fonológica e tornou-se mais gramatical (enfraquecimento de significado).

Este terceiro argumento deixa evidente que VITRAL, em seu trabalho com RAMOS (1999), propõe que com o passar do tempo *você* sofreu enfraquecimento de seu significado e já atingiu o *status* de expletivo, enquanto sua forma reduzida *cê* apresenta apenas perda de referência virtual.

Essa análise é intrigante porque a noção de gramaticalização pressupõe que a forma reduzida deve apresentar, nesse tipo de fenômeno, maior gramaticalidade (perda de conteúdo semântico) que a forma plena. Na realidade, esses estudiosos constatam que o inverso ocorreu entre *você* e *cê*, isto é, *você* apresenta maior gramaticalidade que *cê*, contrariando a noção.

Além dessa contradição, estendemos a esta análise exemplos de *cê*²⁹ com o mesmo suposto uso expletivo de *você*:

(85) *Em Buenos Aires cê tem confeitarias.*

(86) *Em Kioto cê tem aquela confusão nas ruas.*

Contudo, questionamos se estas formas *você/cê* são realmente expletivas porque isto implica que em PB há formas expletivas e que o verbo é impessoal, conforme essa análise. E sabe-se que em PB não há formas expletivas, até então. Por outro lado, o verbo *ter* é usado com este valor em PB da mesma forma que *haver*, conforme os exemplos abaixo:

(87) *Na África tem (=há) leões.*

(88) *Na África há (=tem) leões.*

²⁹ Construções gramaticais do dialeto norte-mineiro.

Estas construções (87) e (88) têm sua origem na transformação de um primitivo sujeito, (89) e (90) respectivamente, que desaparece, em adjunto adverbial de lugar (CÂMARA: 1974).

(89) *A África tem (=há) leões.*

(90) *A África há (=tem) leões*

Apesar dessa estrutura primitiva ainda ser corrente no PB (com o verbo *ter*), seu sujeito apresenta-se designando lugar,

(91) *Minas tem muitas cidades históricas.*

podendo ser transformado em adjunto adverbial:

(92) *Em Minas tem muitas cidades históricas.*

O que não é o caso de

(54a) *Em Kioto **você** tem aquela confusão nas ruas.*

(55a) *Em Buenos Aires **você** tem confeitarias.*

já que possuem um adjunto adverbial de lugar e um sujeito que não indica lugar, impossibilitando a ocorrência do mesmo processo de transformação mostrado em (91) para (92).

VIOTTI (2003), ao investigar o verbo *ter*, chega à conclusão de que é um verbo leve, isto é, esvaziado semanticamente e com predicativo enfraquecido, podendo, portanto,

construir uma multiplicidade de sentenças de significados diferentes. Seu significado é resultado da composição do sentido dos vários itens lexicais que compõem a sentença.

Assim, não estaria o verbo “ter” com sentido pessoal, não de “possuir”, mas de “poder gozar”, “encontrar”, “dispor de”, justificando a presença de *você/cê* cujo uso é indeterminado?

Algo como:

(55c) Em Buenos Aires você/cê pode gozar de confeitarias.

(55d) Em Buenos Aires você/cê encontra confeitarias.

(55e) Em Buenos Aires você/cê dispõe de confeitarias para ir...

Comparar “ter” a um verbo impessoal e afirmá-lo baseado em outra sentença, como fazem VITRAL e RAMOS (1999) (*Em Kioto há confusão nas ruas* e *Em Buenos Aires há confeitarias*), não seria desaconselhável? Esse tipo de desdobramento e análise da frase resultante parecem não refletir a intuição dos falantes (Norte de Minas) porque eles afirmam que as formas *você/cê* nestes ambientes correspondem ao significado “a gente”, “as pessoas”, logo não têm o valor expletivo, conforme abordagem dos autores. Assumem, sim, um significado indeterminado, indefinido.

Além disso, sabe-se que as sentenças e seus termos devem ser analisados pela **sua função em contexto específico, sempre na frase dada e não em outra refeita por quem analisa**. Se assim fosse possível, a sintaxe dos períodos a seguir (ou das sentenças 54a e 54b; 55a e 55b) seria a mesma e sabemos que não é o que acontece, pois uma sentença é o desdobramento da outra, mas constituem sentenças distintas:

(93) Quem espera /sempre alcança.

O.S.S.S.

O.P.

(94) *Aquele/ que espera/ sempre alcança.*

O.P.(1ª p.) O.S.A.R. O.P. (2ª p.)

Legenda:

O.P. = oração principal
 O.S.S.S. = oração subordinada substantiva subjetiva
 O.S.A.R. = oração subordinada adjetiva restritiva
 p. = parte

Em relação a este argumento, consideramos pertinente a gramaticalização diagnosticada por VITRAL nas formas *você* e *cê*, mas não há indícios suficientes para se afirmar que *você* tenha atingido o *status* de expletivo e nem que *cê* já atingiu a etapa de cliticização (nem mesmo o estágio inicial, conforme proposta de VITRAL). Estas formas possuem emprego definido e indefinido alternantes, de acordo com o uso dos falantes do norte de Minas, diagnosticado nos dados de COELHO (1999).

Quarto Argumento: características fonéticas (duração e intensidade) da forma *cê* são muito próximas de *se*.

Este quarto argumento baseia-se no experimento fonético de VITRAL (2001b), que teve por finalidade examinar se a forma *cê* se aproxima foneticamente, em intensidade e duração, de *se*. A análise concluiu que as duas primeiras formas são clítico e que *Zé* é forma tônica, mas, considerando-se a análise absoluta, esse experimento registra gradação de valores, conforme resultado a seguir:

SE: I: 23,6 dB

D: 0,129 ms

CÊ: I: 26,3 dB

D: 0,138 ms

ZÉ: I: 31,3dB

D: 0,194 ms³⁰

Por esse resultado, conforme análise de VITRAL (2001b), a forma *se* possui menos intensidade e menor duração que *cê*; a forma *cê* tem mais intensidade e maior duração que *se*, mas apresenta menor duração e menos intensidade que *Zé*, demonstrando a gradação comentada acima.

Porém, é necessário considerar que, apesar da duração dos sons fricativos sonoros serem *aproximadamente 50 ms mais curtos que os surdos* (SANTOS: 1987 *apud* VITRAL: 2001b), a altura da língua das vogais de *cê* e *Zé* atesta diferença de intensidade e duração no português do Brasil – possibilidade esta descartada por VITRAL, uma vez que considera que a distinção entre *Zé* e *cê* não deve ser atribuída à intensidade das vogais envolvidas.

Ainda segundo esse estudioso, *o fator que exerce influência mais forte sobre a duração não são os traços intrínsecos das vogais, mas o ambiente em que o segmento se encontra* (DI CHRISTO: 1985). Mas, será que um mesmo segmento adjacente, conforme experimento de VITRAL (2001b), não exerce influência distinta sobre a duração de diferentes vogais, aqui especificamente /e/ e /ɛ/? Será mesmo que a vogal, núcleo de sílaba, não influencia a duração?

³⁰ Resultado, em números absolutos, extraído de VITRAL (2001b).

Também se sabe que, mesmo tentando atenuar o impacto focal do nome próprio *Zé* com contextualização anterior à sentença analisada, formas plenas (lexicais) em posição de sujeito têm maior intensidade que demais formas nesse mesmo ambiente.

Além disso, fenômenos entoacionais e de proeminência relacionados a velocidade de fala, informações semânticas (foco, tópico) e estilo de fala informal também podem gerar variação da estrutura fonológica e possibilitar que um mesmo *chunk* se realize com proeminência acentual distinta, conforme demonstra o exemplo a seguir: em (95a) a 1ª frase fonológica apresenta nó forte; em (95b), o nó forte está na 2ª frase fonológica; e, em (95c) o nó forte está na 3ª frase fonológica.

(95a) [[[[[Zé]ω]C]φ] [[[num pensô]ω]C]φ] [[[que terminaria]ω]C]φ]I

s

w

w

(95b) [[[[Zé]ω]C]φ] [[[num pensô]ω]C]φ] [[[que terminaria]ω]C]φ]I

w

s

w

(95c) [[[[Zé]ω]C]φ] [[[num pensô]ω]C]φ] [[[que terminaria]ω]C]φ]I

w

w

s

A partir do resultado desse experimento e dos questionamentos levantados, concluímos que a forma *cê* não pode ser considerada clítico com base nesse argumento, pois o resultado indica gradação na intensidade e duração das formas envolvidas; além disso, as diferenças vocálicas interferem nesses aspectos fonéticos observados pelo estudioso.

Assim sendo, relacionamos as reflexões e considerações que fizemos ao longo da análise de cada argumento proposto para se considerar a forma *cê* clítico com a constatação de

VITRAL (2001b) de que *cê* é forma fraca pelos critérios de CARDINALETTI e STARKE (embora esse estudioso deixe explícito que há argumentos para se considerar *cê* clítico); também consideramos os dados norte-mineiros que demonstram ocorrência de *cê* em ambientes sintáticos ocupados por elementos fortes e verificamos que há indícios claros para não se considerar *cê* clítico.

Como é nosso objetivo avaliar o *status* da forma *cê*, nesta próxima seção aplicaremos testes fonológicos, morfológicos e sintáticos, descritos na teoria da cliticização, para confirmar/refutar a proposta de VITRAL de que *cê* é clítico sintático em estágio inicial de cliticização. Finalmente, na seção 3.3.2, a análise será segundo a concepção prosódica proposta.

3.3 – TESTANDO CÊ

3.3.1 – Sob a perspectiva da CLITICIZAÇÃO

Em razão dos inúmeros questionamentos que permeiam este trabalho, propomos a analisar se o pronome *cê* se comporta como clítico sintático e a avaliar seu estatuto atual, segundo os testes de ZWICKY (1985), uma vez que almejam à identificação de clíticos distinguindo-os de palavras plenas, através de suas características fonológicas, acentuais, morfológicas e sintáticas.

Também faremos uso dos testes sintáticos de KAYNE (1975) propostos para os clíticos do francês e pertinentes para o PB que possuem o mesmo objetivo de ZWICKY: identificação de clíticos, mas através das propriedades características de Cl+V, cuja combinação é típica de *cê* – pronome+V.

KAYNE (1975) analisa as funções sintáticas de sujeitos clíticos e observa que estes elementos não podem ser modificados, não ocorrem coordenados, nem topicalizados e ocorrem contíguos ao verbo. Mas os demais autores também serão retomados a fim de respaldar este estudo. A seguir, será descrita a aplicação dos testes (fonológicos, morfológicos e sintáticos) na forma *cê*.

Testes fonológicos

Os testes fonológicos de ZWICKY (1985) indicam o comportamento do elemento investigado, atentando-se à sua formação no constituinte prosódico palavra fonológica. Ou melhor, caso apareça um elemento hospedeiro na palavra fonológica que domine *cê*, nosso objeto de estudo será clítico; porém, se este constituinte prosódico for não-ramificado, *cê* é palavra plena porque dispensará hospedeiro.

O clítico forma com uma palavra plena uma palavra fonológica:

(96) [[[[[[Cê,] ω] C] φ] I] [que está de blusa amarela,] I] [[[[aproxime-se.] ω] C] φ] I] U

Em (96) temos três frases entoacionais cuja organização prosódica é justificada pelo fato de orações relativas explicativas formarem seu próprio domínio entoacional. Nesse exemplo, o pronome *cê* é uma única palavra plena (possui um acento primário) que forma uma palavra fonológica; esta forma uma unidade prosódica superior: grupo clítico. Este grupo clítico forma uma frase fonológica não-ramificada (formada apenas por uma única palavra fonológica), que por sua vez constitui uma frase entoacional. Como o clítico pronominal se ancora num elemento hospedeiro verbal, é impossível analisar *cê* como clítico, pois não há este elemento hospedeiro necessário no grupo clítico e nem no constituinte prosódico imediatamente superior: frase fonológica.

Já na terceira frase entoacional de (96), podemos constatar que *se* é clítico, pois *se* ancora no elemento verbal *aproxime* e ambos constituem uma palavra fonológica formada de clítico+verbo.

Esta análise é corroborada por ZWICKY (1985), quando o autor salienta a importância dos domínios prosódicos na identificação de clítico e de palavra plena: se o elemento descrito possui seus traços prosódicos (acento, p.e.) distribuídos na frase fonológica, é palavra plena; mas se seus traços prosódicos estão distribuídos no domínio da palavra fonológica, este elemento é clítico.

Testes acentuais

Devido ao fato de clíticos carecerem do acento de seu hospedeiro (dependência acentual) por serem formas átonas, estes testes (ZWICKY: 1985) também colaboram na identificação do *status* de *cê*.

(97) *Foi **cê** o culpado de tudo.*

≠

(98) *Foi-**se** o culpado de tudo.*

Na análise de (97), consideramos a palavra fonológica (ou grupo clítico) *foi-se* e como o clítico *se* está ancorado na palavra plena *foi* (98), pois clítico depende do acento primário do seu hospedeiro, caso *cê* for clítico (97), deverá ter a mesma dependência acentual do clítico *se* em (98).

Mas, através da contraposição entre os sintagmas *foi **cê*** (97) e *foi-**se*** (98) verificamos, mediante a atonicidade do pronome clítico *se*, que não há semelhança acentual entre *cê* e *se*. Pelo contrário, este par salienta a tonicidade acentual de *cê*, ratificando o teste

anterior, pois em (97) tanto o verbo quanto *cê* possuem acento primário independente, constituindo duas palavras plenas distintas.

Testes usando similaridades entre afixos flexionais e clíticos

Estes testes (ZWICKY: 1985) também auxiliam na identificação dos clíticos, já que se comportam como afixos flexionais de uma palavra plena.

Segundo o teste de *ligação*, elementos que estão unidos a um hospedeiro são clíticos.

(99) - *Quem te viu?*

- ??? *Cê.*

(100a) - *Pode deixar... eu resolvo este problema pra você.*

- *Cê?!...(risos)*

Embora, aparentemente, *cê* pareça não figurar sozinha em um enunciado, conforme atesta (99) e dados de VITRAL (2002), cuja construção causa estranheza nos falantes, há contextos que favorecem sua figuração isolada (100a). Esta possibilidade é determinada por contextos influenciados pela entoação e fatores prosódicos similares; uma entoação própria da surpresa, dúvida, deboche ou incredulidade parecem favorecê-la.

Ressaltamos que este fato não ocorre apenas com palavras átonas, também é confirmado em palavras tônicas, conforme VIGÁRIO (2001) e o exemplo abaixo:

(101a) - *O que você quer comigo agora, hein?*

- ??? *Lê.*

(101b) - *O que você quer comigo agora, hein?*

- *Lê...(caretas)*

Constatamos, após comparação entre (100a) e (101a), que o segundo exemplo comparado causa a mesma estranheza nos falantes que (99). Mas (101b) não, devido a fatores prosódicos.

Também verificamos que a segunda oração da resposta em (101c), próximo exemplo, não figura como hospedeiro de *lê*, já que pode ser eliminada, conforme (101b):

(101c) - *O que você quer comigo agora, hein?*

- *Lê...(caretas) Depois conversamos.*

O mesmo também ocorre com *cê* em (100b), quando comparada a (100a):

(100a) - *Pode deixar... eu resolvo este problema pra você.*

- *Cê?!...(risos)*

(100b) - *Pode deixar... eu resolvo este problema pra você.*

- *Cê?!...(risos) Duvido muito.*

Então esta característica de *cê*, também compartilhada por palavras tônicas, não é suficiente para classificá-la como clítico.

A posição de NESPOR e VOGEL (1996), quando afirmam que clíticos **nunca** ocorrem sozinhos, reforçam a classificação de *cê* como palavra plena, já que esta forma figura sozinha em determinados contextos, assim como palavras tônicas.

Elementos que preservam combinações serão clíticos, segundo o teste do *fechamento*.

(102) *Cê viu Maria?*

(103) *Cê jamais viu Maria?*

(104) *Cê, que viaja tanto, jamais viu Maria?*

(105) *Cê certamente nunca mais verá Maria.*

(106) *Cê e eu jamais veremos Maria.*

(107) *Vi cê na festa ontem.*

(108) *Cê, que já tá pra ganhar neném e tem problema de pressão alta, deve repousá bastante.*

Estes dados comprovam as variadas combinações possíveis de serem estabelecidas com *cê*: seguida de verbo (102); advérbio de tempo (103); oração subordinada adjetiva explicativa + advérbio de tempo (104); advérbios de certeza+tempo+intensidade (105); orações subordinadas adjetivas explicativas coordenadas (108); coordenada a pronome tônico (106); e seguindo verbo (107). Estas combinações atestam seu *status* de palavra plena, pois conforme ZWICKY (1985), se um elemento tem habilidade para se combinar com frases e muitas palavras, certamente é palavra plena.

A *ordem* dos elementos também é importante, pois assim como os morfemas adjacentes, os clíticos não têm liberdade de alterarem sua ordem (certos clíticos exibem alguma liberdade, mas causam mudança de significado cognitivo), podendo permanecer apenas proclíticos ou enclíticos ao seu hospedeiro.

(109a) *Eu acho que cês não passaram de ano, não.*

(109b) *Cês, eu acho que não passaram de ano, não.*

O deslocamento de *cês* em (109b) para a posição inicial de sentença não acarretou mudança semântica. A possibilidade desse deslocamento sem gerar alteração de seu significado cognitivo classifica *cê* como palavra plena.

Com um clítico esse mesmo tipo de deslocamento seria impossível. Vejam-se os exemplos:

(110) *Menino se machuca à toa..*

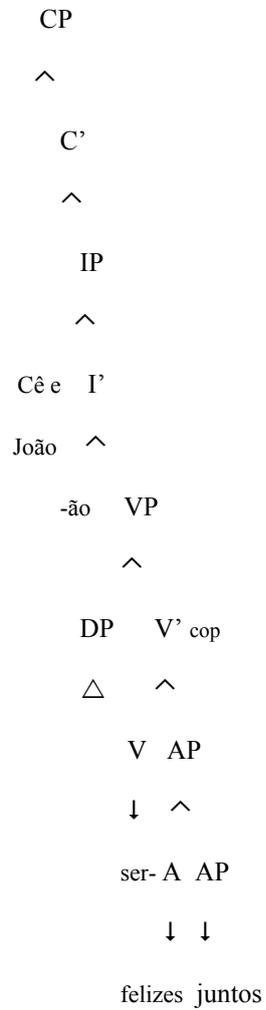
(111) **Se menino machuca à toa..*

O deslocamento ocorrido em (111) gera uma construção agramatical no PB.

Também a distribuição de um elemento colabora na sua identificação como palavra plena ou clítico, pois os clíticos possuem distribuição simples: um único princípio governa sua distribuição (*teste da distribuição*), assim como os afixos flexionais. Os dados a seguir demonstram distribuições possíveis de *cê*: Temos a forma *cê* combinada com um NP lexical (nominativos pré-verbal), *cê* (nominativo pré-verbal) combinada com V', *cê* (nominativo pós-verbal) combinada com V', *cê* combinada com CP e *cê* combinada com NP lexical (acusativos pós-verbal), respectivamente (112) a (116).

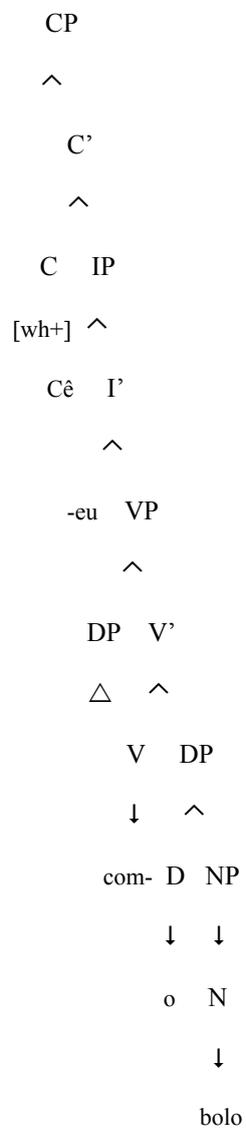
Cê combinada com NP lexical (nominativos pré-verbal):

(112) *Cê e João serão felizes juntos.*



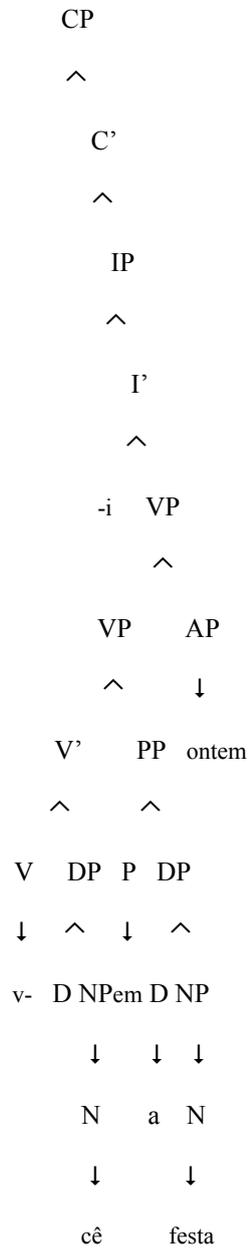
Cê (nominativo pré-verbal) combinada com *V'*:

(113) *Cê comeu o bolo?*



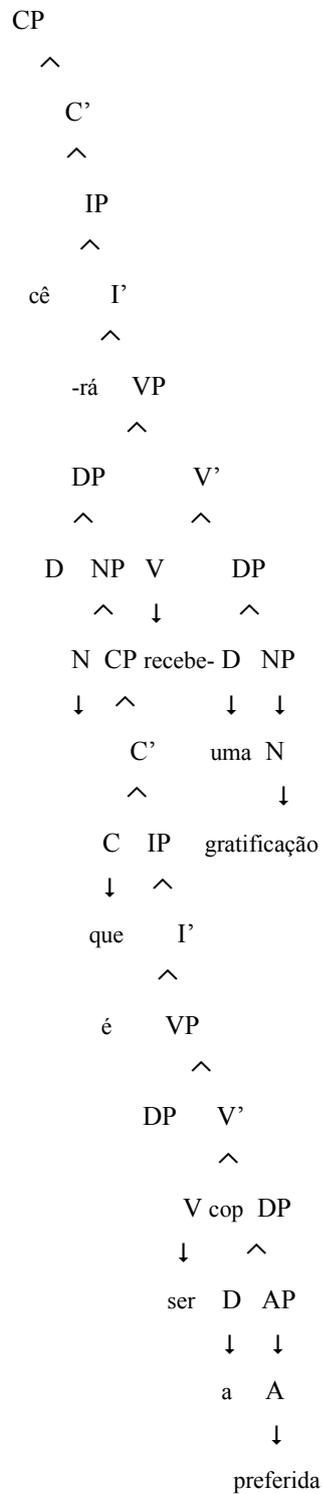
Cê (nominativo pós-verbal) combinada com *V'*:

(114) *Vi cê na festa ontem.*



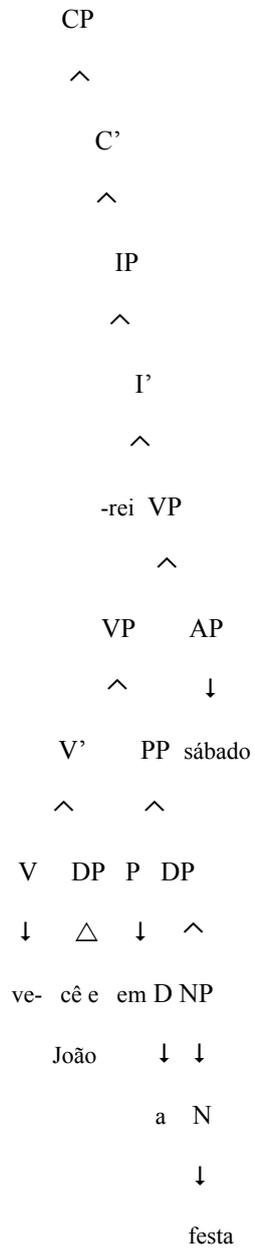
Cê combinada com CP:

(115) *Cê, que é a preferida, receberá uma gratificação.*



Cê combinada com NP lexical (acusativos):

(116) *Verei cê e João na festa sábado.*



Os clíticos também não demonstram *complexidade morfológica* (raramente possuem dois ou mais morfemas); as palavras sim, apresentam maior complexidade.

(117) *Cê* {pronome} {2ª pessoa} {singular}

O pronome *cê* (117) possui três morfemas, podendo ser enquadrado entre as palavras plenas, mas vale ressaltar que essa complexidade morfológica é compartilhada por clíticos de 3ª pessoa em PB, como exemplo temos o pronome oblíquo átono *a* que possui quatro morfemas, conforme abaixo:

(118) *a* {pronome} {3ª pessoa} {feminino} {singular}

Testes sintáticos

Identificadores de se o elemento é palavra plena ou clítico, os testes sintáticos (ZWICKY: 1985; KAYNE: 1975) também auxiliam no que pretendemos.

Como o clítico não está sujeito a processos sintáticos, em razão de sua fixidez em relação ao seu hospedeiro, o elemento que não for imune a tais processos será palavra plena.

No caso de um de dois elementos x+y puder ter sua identidade oculta, ambos serão palavras plenas (*apagamento sob identidade*):

(119a) *Eu vou à festa e cê vai também.*

(119b) *Eu vou à festa e cê, também.*

O apagamento sob identidade do verbo foi possível (119b) nos elementos *cê vai* (119a); logo, ambos são palavras plenas.

A *substituição* de um dos dois elementos combinados por outro caracteriza-os como palavras plenas.

(120) *Duas horas e **cê** só falou isso agora!*

(121) *Duas horas e **tu** só falou isso agora!*

E isto foi possível com o elemento *cê* (120) ao ser substituído por *tu* (121), podendo tal substituição também ocorrer com um NP lexical, conforme (122):

(122) *Duas horas e **Gisele** só falou isso agora!*

O *movimento* de apenas um dos dois elementos combinados também os caracteriza como palavras plenas. O deslocamento de *cê* em (123a) para a posição inicial da sentença (123b) comprova a possibilidade de *cê* mover-se isoladamente, logo *independe* do outro elemento; então ambos são palavras plenas.

(123a) *Eu acho que **cês** não passaram de ano, não.*

(123b) ***Cês**, eu acho que não passaram de ano, não.*

Como *nada intervém entre clítico e verbo*, então, se entre *cê* e o verbo vários elementos podem ser interpolados, conforme (124), esta forma *não é clítica*.

(124) *Cê **nunca mais** me verá.*

Também o fato de *os clíticos não poderem ser modificados* e a presença de modificadores em (125b) não corroboram que *cê* seja clítico, pelo contrário:

(125a) *Cê é o mais sem-vergonha.*

(125b) *De todos, cê só é o mais sem-vergonha.*

Quanto ao teste que se refere à *impossibilidade de clítico aparecer unido por conjunção*, este não é também aplicável, pois em (126a) e (127a) temos *cê* coordenado a um NP lexical e a um pronome tônico, respectivamente; e se somente coordenamos elementos de mesma hierarquia (paralelismo), então *cê* não é clítico.

(126a) *Cê e Joaquina vão viajar juntas.*

(127a) *Cê e ele serão felizes.*

O fato de (126b) e (127b) serem agramaticais se fundamenta na preferência de *cê* pela posição precedida de pausa, conforme sua distribuição fonológica.

(126b) **Joaquina e cê vão viajar juntas.*

(127b) **Ele e cê serão felizes.*

Por fim, ao se determinar que *clítico não pode ser topicalizado*, atesta-se que *cê* não é clítico, é palavra plena, porque esta forma pode surgir como tópico, de acordo com exemplo abaixo:

(128) *Cês, eu acho que cês não passaram de ano, não.*

Essa análise realizada resulta na classificação de *cê* como palavra plena e não clítico (sintático e/ou fonológico). Os resultados, tanto dos testes de ZWICKY (1985), quanto de KAYNE (1975)³¹, reforçam o *status* de palavra plena da forma *cê* e descartam a hipótese de clítico fonológico e/ou sintático, visto que os critérios consideraram os aspectos fonológicos, morfológicos e sintáticos.

Através dos testes sintáticos de Zwicky e de Kayne, constatamos construções em que temos *cê* sendo substituída por pronome tônico e palavra plena, além de também ocorrer coordenada a elemento tônico e palavra plena. Esses dois testes sintáticos, além dos outros, demonstram um comportamento sintático dessa forma incompatível com o comportamento sintático dos clíticos; na verdade, esse é um comportamento de palavra plena.

Sustentados pela proposta de KLAVANS (1985) para as línguas românicas de que os clíticos do português devem ter como domínio relevante o V, consideramos a impossibilidade de classificação de *cê* (nominativo pré-verbal) como clítico sintático porque esta forma não está no domínio de V; ocupa posição de sujeito, logo não é subcategorizado por V visto que é obrigatório e não escolhido pelo verbo (RAPOSO: 1992). Acrescenta-se o fato de que SPORTICHE (1992) atesta que clíticos nominativos podem ser apenas clíticos fonológicos e não sintáticos, logo esta característica nominativa de *cê* também inviabiliza sua análise como clítico sintático.

GALVES e ABAURRE (1996) corroboram SPORTICHE (1995) ao defenderem que clíticos são núcleos de projeções máximas e, como *cê* assume posição de sintagma (VITRAL: 2001b) e possui comportamento sintático de palavra plena (de acordo com os nossos testes), concluímos que *cê* não é clítico sintático.

³¹ CARDINALETTI e STARKE (1994) corroboram três critérios de KAYNE ao afirmarem que apenas pronomes fortes aparecem coordenados, ocupam posição sintática periférica e são acompanhados por modificadores. Assim como NESPOR e VOGEL (1986), também consideram que apenas palavras acentuadas (pronomes fortes) suportam acento contrastivo.

A possibilidade de ser clítico fonológico também é descartada em razão do resultado dos testes fonológicos anteriores (ZWICKY: 1985). O fato de *cê* constituir sozinha uma frase entoacional não-ramificada, logo formada de um único elemento que não necessita de hospedeiro (portanto, palavra fonológica em constituinte não imediatamente inferior a *I*) e de não carecer do acento de um hospedeiro, reafirma que *cê* possui estatuto de palavra plena.

Mesmo que o teste de ligação comprove que *cê* geralmente não figura sozinha em qualquer enunciado, apenas em contextos influenciados por determinada entoação e outros fatores prosódicos, nossa análise não está enfraquecida, pois este fator não ocorre apenas com palavras átonas, também é confirmado em palavras tônicas, conforme VIGÁRIO (2001). O fato de *cê* ocorrer sozinha já descarta a possibilidade de ser clítico, segundo NESPOR e VOGEL (1986) - para essas estudiosas, clítico **nunca** ocorre sozinho em enunciados. A revelação de que há em PB pronomes átonos que possuem maior complexidade morfológica que *cê* é outro aspecto que também não prejudica nossa proposta já que, assim como *cê*, temos palavras acentuadas com menor complexidade morfológica que os pronomes átonos de nossa língua (por exemplo, as palavras *aquilo*, *nada*, *tudo*).

Propomos então uma análise para *cê* dentro do quadro da Fonologia Prosódica para ratificar sua classificação de palavra plena.

Mas e o possível *status* ambíguo questionado anteriormente: “Será que *cê* é clítico em determinadas estruturas e forma plena em outras? Como ficam as construções que demonstram claramente uma fraca intensidade em *cê*?”

Em razão do resultado dos testes realizados nessa seção (e dos resultados prosódicos da próxima seção), os quais identificam *cê* como palavra plena, defendemos que este item possui caráter acentuado (acento de palavra), mas pode sofrer perda acentual no nível da frase entoacional - uma análise alternativa para justificar sua atonicidade em algumas construções, que consideramos mais adequada que lhe fornecer um *status* ambíguo.

3.3.2 – Sob a perspectiva da FONOLOGIA PROSÓDICA

A fonologia prosódica constitui um conjunto teórico que pressupõe uma representação mental da fala dividida em *chunks* organizados que possuem estrutura fonológica variável, por isso determinamos este quadro teórico como fundamento para a nossa proposta de padrão acentual alternante de *cê* na *I*.

Visto que *cê* é palavra com acento primário, comprovada através de testes sintáticos, morfológicos e fonológicos propostos pela teoria da cliticização (seção anterior), corroboraremos seu caráter, além de explorar nossa proposta, porém numa abordagem prosódica. Isso torna-se possível em razão de apenas palavras plenas poderem constituir sozinhas, prosodicamente, uma palavra fonológica não-ramificada.

Fundamentando-nos em SELKIRK (2004), quando defende que palavras funcionais podem adquirir *status* de palavra fonológica, e em BISOL (2000), que atesta e comprova a existência de palavras fonológicas monossílabas em PB³², partimos da hipótese que *cê* também aí se enquadra.

Para confirmar tal hipótese nos valem os de palavras do PB que possuem a mesma estrutura, mas que se distinguem apenas pela tonicidade/atonicidade:

(129) *Palavras monossílabas acentuadas* *Palavras monossílabas não-acentuadas*

dê ['de]

de [dʒɪ]

nu ['nu]

no [nʊ]

dá ['da]

da [də]

³² VIGÁRIO (2001) afirma que em PE também há palavras fonológicas monossílabas.

E *cê* também aqui se enquadra:

cê [' se]

se [sɪ]

Desta distribuição, constata-se que as formas acentuadas constituem ω , mas as formas não-acentuadas (clíticas) precisam de um hospedeiro acentuado para que façam parte de uma ω , porque isoladas não a constituem.

(130) [[Cê] ω]C [[se viu] ω]C [[no espelho.] ω]C

As 2ª e 3ª palavras fonológicas de (130) demonstram a dependência dos clíticos em relação a seus hospedeiros; porém a 1ª palavra fonológica comprova a ocorrência de *cê* sem hospedeiro, logo não pode ser clítico.

Para reforçar esta classificação, VIGÁRIO (2001) afirma que a presença de acento impossibilita a ocorrência de processos fonológicos que se aplicam a ambientes não-acentuados:

- é impossível redução vocálica:

(131) *dê* [e]/ *[i] *de* [e]/ [i]

cê [e]/ *[i] *se* [e]/ [i]

- é impossível semivocalização ou apagamento da 1ª ou 2ª vogal:

(132) *cê ia* [e]/ *[i]/ *0 *se una* [e]/ [i]

MAJOR (1985) observa que um acento no nível da palavra pode ser alterado no nível da sentença, isto é, padrão rítmico do nível da sentença pode alterar padrão rítmico do nível da palavra para acomodar uma tendência acentual. Acreditamos que isto explique essa fraca intensidade de *cê* em alguns contextos.

Defendemos também que a teoria de domínios de aplicação de regras fonológicas e não-fonológicas (não necessariamente isomórficas) nos apontará regras rítmicas e de ajustamentos rítmicos que são importantes para o processamento da fala (NESPOR e VOGEL: 1986) da forma *cê*, pois enquanto a estrutura sintática é única, a estrutura fonológica pode variar dependendo de fatores como velocidade da fala (VIGÁRIO: 2001), estilo de fala e desempenho do falante. Acreditamos que esta forma, em uma unidade prosódica acima da palavra fonológica, pode sofrer perda acentual com proeminência em outro elemento ou sintagma, de acordo com o contexto. Relembramos que nossos dados são de fala informal espontânea e com uma velocidade um tanto rápida.

Como em posição de sujeito simples *cê* é frase fonológica não-ramificada, não podendo passar por reestruturação, porque em PB há fronteira de frase fonológica entre sujeito e predicado, conforme SÂNDALO ([2002]), tal forma constitui nó forte neste contexto, o que é confirmado em (136):

(136) [Cê]φ [sabe]φ [muito bem]φ [do que eu gosto.]φ
 s s w s w w w s

Na posição de complemento verbal, poderá constituir junto com o verbo uma frase fonológica ramificada, através de reestruturação, como em (137):

(137) [Foi *cê*]ϕ [*que eu vi na festa.*]ϕ

w s

Será o nó mais forte, porque em frase fonológica o elemento mais à direita é o mais proeminente e *cê* está nesta posição na 1ª frase fonológica da sentença acima.

Porém, analisando uma hierarquia acima da frase fonológica, a frase entoacional, verificamos que *cê* pode assumir padrões de proeminência diferentes: em (138a), *cê* constitui nó fraco e, em (138b), seu nó é forte.

(138a) [[[[*Cê*]ω]C]ϕ [[[[*o conhece*]ω]C]ϕ [[[[*muito bem*]ω]C]ϕ]I

w

w

s

(138b) [[[[*Cê*]ω]C]ϕ [[[[*o conhece*]ω]C]ϕ [[[[*muito bem*]ω]C]ϕ]I

s

w

w

Isso ocorre em razão de a frase entoacional, formada de uma ou mais frases fonológicas, ser uma unidade prosódica que possui variabilidade na sua organização, conforme explicitado no capítulo dois, subseção 2.3.1.4.

Mesmo que esta variabilidade deva respeitar determinados princípios, há opções de proeminência em uma sentença.

Os exemplos (138) podem assumir três padrões de proeminência acentual diferentes para as frases fonológicas que constituem *I*, conforme distribuição a seguir:

Conclui-se, de acordo com exposição anterior deste capítulo, que *cê* é palavra plena e não clítico sintático ou fonológico, resultado atestado pelo quadro da Cliticização e ratificado pela Fonologia Prosódica. Os testes de ZWICKY (1985) e KAYNE (1975) identificadores de clítico apontaram a impossibilidade de classificar-se *cê* como clítico (sintático ou fonológico), mas indicaram seu *status* de palavra plena.

A não ocorrência de redução fonológica, semivocalização ou apagamento entre *cê* e outro elemento de um sintagma e a possibilidade deste elemento aparecer em ambientes restritos a palavras fonológicas (devido à sua unidade acentual) reafirmam, agora pela Fonologia Prosódica, o caráter acentuado deste item lexical investigado, o que torna inviável enquadrar *cê* entre os clíticos pronominais da LP do Brasil.

O que ocorre é que a palavra plena *cê* sofre perda acentual no nível da sentença (no constituinte prosódico frase entoacional) em determinados ambientes, recebendo acento fraco. Mas isso não quer dizer que perdeu seu acento de palavra, apenas que não recebeu acento frasal. Outros ambientes são indicadores de sua presença com acento forte, também no nível da sentença (no constituinte frase entoacional), conforme discutido nessa seção.

CAPÍTULO 4

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O ponto de partida desta dissertação foi identificar se a forma reduzida *cê* se comporta como clítico pronominal sintático em razão de sua ocorrência em ambientes não propícios a clíticos. Partindo da hipótese de que pode ocorrer alternância do padrão de acento frasal de acordo com fala espontânea (estilo informal) e velocidade de fala rápida, esperávamos encontrar evidências de que *cê* não é clítico, mas palavra plena; esperávamos constatar que *cê* no domínio de *I* pode constituir frase fonológica com padrão de proeminência acentual alternante (forte/fraco) em relação a outras frases fonológicas inseridas na mesma *I*, o que justificaria a suposta atonicidade percebida neste elemento em alguns contextos lingüísticos.

Como a forma investigada, de acordo com desempenho dos falantes, funciona geralmente como sujeito, retomamos a descrição tradicional dos pronomes-sujeito da Língua Portuguesa e sua configuração atual e constatamos uma mudança no paradigma pronominal desta língua, o que exige reenquadramento de alguns pronomes, inclusive de *você* e variantes.

Este reenquadramento, especificamente do pronome *você*, que passa a pertencer aos pronomes pessoais e não de tratamento, repercute na sua frequência de uso. Possivelmente, uma alta frequência de uso (BYBEE: 2001), aliada a outros fatores, justifique sua redução em *ocê/cê*, mas exige-se uma investigação aprofundada a este respeito.

A distribuição sintática realizada por VITRAL (1996) e fonológica descrita neste trabalho sobre as formas pronominais alternantes *você/ocê/cê* apontam que a forma reduzida *cê*, variante de nosso interesse, ocupa preferencialmente a posição de sujeito precedida de pausa. Porém, não podemos excluir as ocorrências em outras posições, embora menos recorrentes.

Parece que, assim como ocorreu com *eu* e *ele* – pronomes que eram exclusivamente sujeito e hoje são usados como complemento de verbo -, *cê* está expandindo seu ambiente de ocorrência e “aventura-se timidamente” em novas posições que não em início de palavra. É importante registrar que há casos de *cê* visível na forma fonética descartados em nossa análise por ser possível, através de regras fonológicas (degeminação), identificar *ocê*, conforme (139).

(139) *Eu acho cê uma gracinha.*

[u] + [u'se]?

ou

[u] + ['se]?

Como não desejamos enfraquecer nossa análise e uma investigação dessas combinações iria além do intento deste trabalho, preferimos desconsiderá-las.

Uma vez que para considerar um elemento como clítico é necessário identificar sua atonicidade, ou seja, o aspecto fonológico é essencial para a caracterização de um clítico sintático, analisamos *cê* numa abordagem fonológica, e também sintática dentro do quadro da Cliticização, já que VITRAL afirma se tratar de um clítico sintático. Acrescentamos a abordagem mista para complementar, em razão de acreditarmos que enfoca o fenômeno de forma mais completa, atentando-se aos seus aspectos sintáticos, morfológicos e fonológicos.

Foram detectados casos de *cê* em posição pós-verbal nominativo e acusativo, focalizado (com contraste), modificado por advérbio, topicalizado e coordenado a elemento tônico. Essas ocorrências, que não constituem ambientes de clíticos, aliadas à obrigatoriedade de interpolação quando entre *cê* e o verbo surgem outros elementos, a aspectos fonológicos, morfológicos e sintáticos não propícios a clítico revelados pelos testes de ZWICKY (1985) e

de KAYNE (1975) – testes tidos como identificadores de clítico – serviram de subsídios para refutar essa análise de Vitral, comprovando-se o *status* de palavra plena a *cê* e, conseqüentemente, a impossibilidade de ser clítico sintático.

Mas como era nossa proposta investigar seu caráter acentual fundamentando-nos em pressupostos teóricos da Fonologia Prosódica, valemo-nos da existência de palavras funcionais monossilábicas acentuadas.

A impossibilidade de redução e de semivocalização ou apagamento da vogal (neste último caso, quando *cê* está seguido de palavra iniciada por vogal) conjugada à possibilidade de apresentar acento tonal ou focal, proeminência acentual forte, no constituinte frase entoacional reafirmaram nossa expectativa, pois acento é fator que impede sândi vocálico e apenas palavras que possuem acento primário recebem acento frasal.

Acrescentando-se, ainda, o fato de constituir frase fonológica não-ramificada quando em posição de sujeito, constituinte imediatamente superior ao grupo clítico, e a impossibilidade de reconstrução, já que entre sujeito e predicado em PB é sempre encontrada uma fronteira prosódica, postulamos o ***status de palavra plena a cê***.

Devido a esta constatação também num aparato prosódico, questionamos por que percebemos uma perda acentual desta forma em algumas construções e resolvemos observar, em um nível hierárquico superior à palavra fonológica, o seu comportamento.

Como frase fonológica, *cê*, em posição de sujeito, constitui nó forte de ϕ não-ramificada; em frase fonológica ramificada, em posição de complemento de verbo, e sendo o elemento mais à sua direita, também é nó forte.

Porém, na frase entoacional, nível em que há maior variabilidade do padrão de acento frasal, percebemos que *cê* exhibe ora maior, ora menor proeminência.

Representando ϕ no domínio de I , podemos ter:

$C\acute{e}$ = proeminência forte

$C\grave{e}$ = proeminência fraca

Constatamos que $c\acute{e}$ possui acento primário, logo é palavra plena, mas que pode apresentar alternância acentual como ϕ (fraca/forte) no domínio da I em fala espontânea e informal.

Esta constatação permite-nos afirmar que a análise sintática de VITRAL (1996; 2001a; 2001b; 2002), diagnosticando que $c\acute{e}$ é clítico sintático através da especialização de sua posição como sujeito e outros fatores sintáticos, não representa a realidade lingüística desta forma, uma vez que a encontramos em outros ambientes. Também é importante ressaltar que a pronúncia dos falantes entrevistados por VITRAL (2001b) para sua análise fonética marca proeminência exclusivamente fraca para $c\acute{e}$, talvez em razão deste experimento envolver descrição de textos lidos e não de fala informal e espontânea impedindo que se percebessem variações entoacionais de uma mesma palavra plena em sentenças variadas.

Assim, se por um lado o presente estudo discute a análise segundo a qual $c\acute{e}$ é clítico sintático nominativo e aponta problemas nessa abordagem, tanto em aspecto sintático quanto fonológico e morfológico, por outro, almejando esclarecer algumas nuances de $c\acute{e}$ e contribuir com uma reflexão sobre o clítico do PB, propõe que este item seja analisado dentro da Fonologia Prosódica, a qual propiciará em nível superior à frase fonológica, alternância do padrão acentual da palavra plena $c\acute{e}$.

Investigações futuras contribuirão para melhor visualizar este fenômeno, principalmente se tomarmos como base os casos obscuros em que $c\acute{e}$ (visível) ou $oc\acute{e}$ aparece combinada com outras formas, representando alterações fonológicas; a investigação dos fatores prosódicos envolvidos na alternância do acento da frase fonológica $c\acute{e}$ inserida em I ,

assim como dos fatores entoacionais e prosódicos similares envolvidos nos casos em que *cê* figura sozinha em enunciados serão de grande contribuição para a ampliação dos estudos lingüísticos desta forma. Também uma investigação dos fatores favorecedores da redução de *você* em *ocê/cê* constituirá trabalho relevante para a Lingüística.

BIBLIOGRAFIA

ABAURRE, M. B. Acento frasal e processos fonológicos segmentais. In: BISOL, Leda (ed.) *Letras de Hoje*. Porto alegre, 1996.vol. 31, 41-50.

ABOUSALH, Elaine S. F. *Resolução de choques de acento no português brasileiro: elementos para uma reflexão sobre a interface sintaxe-fonologia*. 1997. 157 f. Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem) - Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas.

ALI, Said.*Gramática secundária da língua portuguesa*. Ed. rev. e com. São Paulo: Melhoramentos, 1985.

ALVES, Nilton A. *As formas você e cê e a indeterminação do sujeito no português brasileiro*. 1998. 93 f. Dissertação (Mestrado em Estudos Lingüísticos) - Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte.

ANDERSON, Stephen R. Towards an optimal account of second position phenomena. In: DEKKERS, J. *et al.* [eds.]. *Optimality Theory: Syntax, Phonology and Acquisition*. Oxford University Press, 1997.

_____.How to put your clitics in their place, or why the best account of second-position phenomena may be something like the optimal one. In: *The Linguistic Review*. New York: Mounton de Gruyter, 1996. vol.13.

ANDERSON, Stephen R. Wackernagel's revenge: clitics, morphology, and the syntax of second position. In: *Language: Journal of the Linguistic Society of America*. USA: Baltimore, 1993. vol. 69, n.01.

AOUN, J. *A grammar of anaphora*. Cambridge, MA: MIT Press, 1985.

_____. *Clitic-doubled arguments*. Draft. University of Southern California, 1996.

BECHARA, Evanildo. *Moderna gramática portuguesa*. 37ª ed. rev. e ampl. Rio de Janeiro: Lucerna, 2001.

BISOL, Leda. O clítico e seu status prosódico. In: *Revista de Estudos de Linguagem*. Belo Horizonte. vol. 9, nº 1, 2000.

_____. Sândi vocálico externo: degeminação e elisão. In: *Cadernos de Estudos Lingüísticos*. Campinas: Universidade Estadual de Campinas. vol. 23, jul./dez. 1992.

BOOIJ, Geert. Principles and parameters prosodic phonology. In: *Linguistics* 21, 1983.

_____. Cliticization as prosodic integration: the case of Dutch. In: *The Linguistic Review*. New York, 1996. vol. 13, nº 3-4.

BORER, H. *Parametric syntax*. Dordrecht: Foris, 1984.

BRITTO, H. Pronomes fracos nulos e lexicalizados: das línguas verdadeiramente pro-drop ao português do Brasil. In: *Cadernos de Estudos Lingüísticos*. Campinas: Universidade Estadual de Campinas, 34:77- 91, 1998.

BROWNE, W. On the problem of enclitic placement in Serbo-Croatian. In: BRECHT, R.D.; CHVANY, C. V. (eds). *Slavic transformational syntax*. Ann Arbor: University of Michigan, nº 10, 1974.

BYBEE, Joan. *Phonology and language use*. Cambridge: Cambridge University Press, 2001.

CAMARA Jr., Mattoso. *Dicionário de filologia e gramática*. 4º ed. Rio de Janeiro: Ozon Editor, 1974.

CARDINALETTI, A.; STARKE, M. *The tipology of structural deficiency on the three grammatical classes*. ms, University of Venice, 1994.

CARVALHO, J. Brandão de. Phonological conditions on Portuguese clitic placement: evidence for stress and rhythmical patterns. In: *Linguistics*, 27:405-436, 1989.

COELHO, Maria do Socorro Vieira. *Uma abordagem variacionista do uso da forma VOCÊ no Norte de Minas*. 1999. 85 f. Dissertação (Mestrado em Estudos Lingüísticos) - Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte.

CORRÊA, Lucas Teles. *A forma clítica de pronome pessoal no dialeto mineiro: uma variante sociolingüística*. 1998. 89 f. Dissertação (Mestrado em Estudos Lingüísticos) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte.

CUNHA, Celso; CINTRA, Lindley. *Nova gramática do português contemporâneo*. Rio de Janeiro: Ed. Nova Fronteira, 1985.

DI CHRISTO, A. *De la microprosodie à l'intonosyntaxe*. Aix-em-Provence: Publications Université Aix-em-Provence, 1985.

DUARTE, Maria E. L. Do pronome nulo ao pronome pleno: a trajetória do sujeito no português do Brasil. In: ROBERTS, I. e KATO, M. (orgs.) *Português Brasileiro: uma viagem diacrônica*. Campinas: Ed. UNICAMP, 1993.

_____. *A sociolingüística paramétrica: perspectivas*. Comunicação apresentada no I Seminário Nacional de Estudos Lingüísticos. João Pessoa, 1997.

_____. *Clítico acusativo, pronome lexical e categoria vazia no Português do Brasil*. 1986. Dissertação (Mestrado) - PUC, São Paulo.

FONTANA, J. *Phrase structure and the syntax of clitics in the history of Spanish*. 1993. PhD. Dissertação. Universidade da Pennsylvania, Philadelphia.

FONTANA, J. On the integration of second position phenomena. In: KEMERADE, A. van; VICENT, N. (eds.). *Parameters of morphosyntactic change*. Cambridge: Cambridge University Press, 1997.

FROTA, Sônia. Aspectos da prosódia do foco no português europeu. In: *Letras de Hoje*. Porto Alegre, 1994. vol. 29, nº 4.

_____. *Prosody and focus in European Portuguese*. 1998. 405 pág. Tese (Doutoramento) – Faculdade de Letras, Universidade de Lisboa, Lisboa.

FROTA, S.; VIGÁRIO, M. *On weight effects in European Portuguese*. Paper given at the Glow Workshop on Weight Effects. Athens, 1996.

GALVES, Charlotte; ABAURRE, Maria B. M. Os clíticos no português brasileiro: elementos para uma abordagem sintático-fonológica. In: *Gramática do português falado*. Campinas: Ed. UNICAMP, 1996.

GREEN, A. D. *The prosodic structure of Irish, Scots Gaelic and Manx*. 1997. PhD dissertation, Cornell University.

HALL, T.A. Phonotactics and the prosodic structure of German function words. In: HALL, T.A.; KLEIHENZ (eds). *Studies on the phonological words*. Amsterdam: John Benjamins, 1999a.

HALL, T.A. The phonological word: a review. In: HALL, T.A.; KLEIHENZ (eds). *Studies on the phonological words*. Amsterdam: John Benjamins, 1999b.

HALPERN, Aaron L. Clitics. In: SPENCER, Andrew; ZWICKY, Arnold M. *The handbook of morphology*. Massachusetts: Blackwell, 1998.

_____. *On the Placement and Morphology of Clitics*. California: CSLI Publications, 1995.

HAYES, B. The prosodic hierarchy in meter. In: KIPARSKY, P.; YOUMANS, G. (eds). *Rhythm and meter*. Orlando: Academic Press, 1989.

HOPPER, Paul J.; TRAUGOTT, Elizabeth C. *Grammaticalization*. Cambridge: Cambridge University Press, 1993.

ILARI, Rodolfo et al. Os pronomes pessoais do português falado: roteiro para a análise. In: CASTILHO, Ataliba T. de; BASÍLIO, Margarida. *Gramática do português falado*. vol. IV. Campinas: Ed. UNICAMP, 1996.

INKELAS, Sharon. *Prosodic dependence in the lexicon*. Paper presented at the annual meeting of the Linguistics Society of America, 1987.

INKELAS, Sharon; ZEC, Draga. Syntax-phonology interface. In: GOLDSMITH, J. (ed). *The handbook of phonological theory*. Oxford: Blackwell, 1995.

JAEGGLI, O. *Topics in Romance syntax*. Dordrecht: Foris, 1982.

JAEGGLI, O. Three issues in the theory of clitics: case, doubled NPs and extraction. In: BORER, H. (ed.) *Syntax and semantics: the syntax of pronominal clitics*. vol. 19. New York: Academic Press, 1986.

KATO, M. *The morphophonology of strong and weak pronouns in the pro-drop Parameter*. Trabalho apresentado no Seminário de Morfologia. USC, ms., 1996.

_____. *Strong and weak pronominals in the null subject parameter*. ms., 1998a.

_____. Tópicos como alçamento de predicados secundários. In: *Cadernos de Estudos Lingüísticos*. Campinas: UNICAMP, 34:67-76, 1998b.

KAYNE, R. *French syntax: the transformational cycle*. Cambridge: The MIT Press, 1975.

_____. Romance clitics, verb movement, and PRO. In: *Linguistic Inquiry*. vol. 22, nº 4. USA: Massachusetts Institute of Technology, 1991.

_____. *The antisymmetry of syntax*. MIT Press, 1994.

KLAVANS, Judith L. *Some problems in a theory of clitics*. Bloomington: Indiana University Linguistics Club, 1982.

_____. The independence of syntax and phonology in cliticization. In: *Language: Journal of the Linguistic Society of America*. vol. 61, n.01. USA: Baltimore, 1985.

LABOV, W. *Sociolinguistic Patterns*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1972.

MAJOR, Roy C. Stress and rhythm in Brazilian Portuguese. In: *Language: Journal of the Linguistic Society of America*. vol. 61, n.02. USA: Baltimore, 1985.

MARTINS, A. M. *Clíticos na história do português*. 1994. Tese (Doutoramento) – Faculdade de Letras, Universidade de Lisboa, Lisboa.

NEGRÃO, E.; MULLER, A. As mudanças no sistema pronominal brasileiro: substituição ou especialização de formas? In: *D.E.L.T.A.* 12, 1996, 125:152.

NESPOR, Marina; VOGEL, Irene. *Prosodic phonology*. Dordrecht: Foris Publications, 1986.

PEREIRA, M. G.D. *A variação na colocação dos pronomes átonos no português do Brasil*. 1981. Dissertação (mestrado) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.

PEZATTI, Erotildes G. Constituintes pragmáticos em posição inicial: distinção entre tema, tópico e foco. In: *ALFA*. vol. 42, 1998, p. 133-150.

PONTES, Eunice. *O tópico no português do Brasil*. Campinas: Pontes, 1987.

RAMOS, Jânia M. O uso das formas você, ocê e cê no dialeto mineiro. In: HORA, D. (org.) *Diversidade Lingüística no Brasil*. João Pessoa: Ed. Idéias, 1997.

RAPOSO, Eduardo P. *Teoria da gramática: a faculdade da linguagem*. Lisboa: Ed. Caminho, 1992.

RIZZI, L. On the status of subject clitics in Romance. In: JAEGGLI, O. ; CORVALAN, C. S. (orgs.). *Studies in Romance linguistics*. Dordrecht: Foris, 1986.

SANDALO, Filomena. *Fonologia Prosódica e Teoria da Otimidade: reflexões sobre a interface sintaxe e fonologia na formação dos sintagmas fonológicos*. Artigo apresentado no I Congresso Internacional de Fonética e Fonologia & VII Congresso Nacional de Fonética e Fonologia (UFMG). Belo Horizonte, [2002].

SANTOS, M. T. M. dos. *Uma análise espectrográfica dos sons fricativos surdos e sonoros do PB*. 1987. dissertação (especialização) – Escola Paulista de Medicina, São Paulo.

SELKIRK, E. Prosodic domains in phonology: Sanskrit revisited. In: ARONOFF, M.; KEAN, M-L. *Juncture*. Saratoga: Anma Libri, 1980.

_____. On derived domains in sentence phonology. In: *Phonology Yearbook 3*. Grã-Bretanha, 1986.

_____. The prosodic structure of functions words. In: McCARTHY, John. J. (ed). *Optimality theory in phonology: a reader*. United Kingdom: Blackwell Publishing, 2004.

SELKIRK, E.; SHEN, Tong. Prosodic domains in Shanghai Chinese. In: INKELAS, S.; ZEC, D. (ed.). *The phonology-syntax connection*. USA: University of Chicago Press, 1990.

SILVA, Maria Cristina F. *A posição sujeito no português brasileiro: frases finitas e infinitivas*. Campinas: Ed. da UNICAMP, 1996.

SILVA, Thais Cristóforo. *Fonética e fonologia do português*. São Paulo: Contexto, 1999.

SPENCER, Andrew. *Morphological theory*. Cambridge, Massachusetts: Blackwell Publishers, 1991.

SPORTICHE, Dominique. Clitic constructions. In: ZARING, L.; ROORYC J. (eds). *Phrase structure and the lexicon*. Bloomington, Indiana: IULC, 1992.

_____. French predicate clitics and clause structure. In: CARDINALETTI, Anna; GUASTI, Maria Teresa (eds). *Syntax and semantics*. vol. 28. NY: Academic Press, 1995.

_____. *French predicate clitics and clause structure & subject clitics in French and Romance*. [s.l.: s.n., 1993.]

TENANI, Luciani. *A importância da proeminência da frase fonológica no Português Brasileiro*. Trabalho apresentado no I Congresso Internacional de Fonética e Fonologia & VII Congresso Nacional de Fonética e Fonologia (UFMG). Belo Horizonte, [2002].

VIANA, M.C. *Para a síntese da entoação do português*. 1987. Dissertação (Mestrado) – Centro de Lingüística, Universidade de Lisboa, Lisboa.

VIGARIO, Marina. *The prosodic word in European Portuguese*. 2001. 397 pág. Tese (doutoramento) – Universidade de Lisboa, Lisboa.

VIOTTI, Evani. A composicionalidade nas sentenças com o verbo *ter*. In: MULLER, Ana L.; NEGRÃO, Esmeralda V.; FOLTRAN, Maria J. (orgs). *Semântica formal*. São Paulo: Contexto, 2003.

VITRAL, Lorenzo. A forma *cê* e a noção de gramaticalização. In: *Revista de Estudo da Linguagem*. Belo Horizonte: FALE, jan./ jun. 1996.

_____. Sintaxe formal e gramaticalização: roteiro de pesquisa. In: NICOLAU, Eunice (org). *Estudos sobre a Estrutura Gramatical da Linguagem*. Belo Horizonte: FALE, 2001a.

_____. A interpolação de *se* e suas conseqüências para a teoria da cliticização. In: *Revista da ABRALIN*. vol. 1, nº 1, 2002.

_____. *Identificando clíticos: evidências fonéticas*. Artigo elaborado durante pós-doutoramento no IEL/UNICAMP, 2001b. inédito.

VITRAL, Lorenzo; RAMOS, Jânia M. Gramaticalização de “você”: um processo de perda de informação semântica? In: *Filologia e Lingüística Portuguesa*. N. 3, p. 55-63, 1999.

ZWICKY, Arnold M.; PULLUM, Geoffrey K. Cliticization vs inflection: English n't. In: *Language: Journal of the Linguistic Society of America*. vol. 59, n.03. USA: Baltimore, 1983.

ZWICKY, Arnold M. *On clitics*. Bloomington: Indiana University Linguistics Club, 1977.

_____. Clitics and particles. In: *Language: Journal of the Linguistic Society of America*. vol. 61, n.02. USA: Baltimore, 1985.